

UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
INSTITUTO DE CIÊNCIAS E DESENVOLVIMENTO REGIONAL
CURSO DE CIÊNCIAS ECONÔMICAS DE CAMPOS

RAFAEL COSENTINO GUIDA

**O PARADOXO DO NOVO IMPERIALISMO E O PAPEL DOS ESTADOS UNIDOS
NA DINÂMICA IMPERIALISTA NO PÓS-GUERRA FRIA**

Campos dos Goytacazes, RJ
2019

RAFAEL COSENTINO GUIDA

**O PARADOXO DO NOVO IMPERIALISMO E O PAPEL DOS ESTADOS UNIDOS
NA DINÂMICA IMPERIALISTA NO PÓS-GUERRA FRIA**

Monografia apresentada ao Curso de Ciências Econômicas da Universidade Federal Fluminense – Instituto de Ciências da Sociedade e Desenvolvimento Regional, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Ciências Econômicas.

Orientadora:

Prof.^aDr.^a Daniela Franco Cerqueira

Co-orientador:

Mestrando Ledson Luiz Gomes da Rosa

Campos dos Goytacazes, RJ
2019

Ficha catalográfica automática - SDC/BUCG
Gerada com informações fornecidas pelo autor

G946p Guida, Rafael Cosentino
O PARADOXO DO NOVO IMPERIALISMO E O PAPEL DOS ESTADOS UNIDOS
NA DINÂMICA IMPERIALISTA NO PÓS-GUERRA FRIA / Rafael Cosentino
Guida ; Daniela Franco Cerqueira, orientadora ; Ledson Luiz
Gomes da Rosa, coorientador. Campos dos Goytacazes, 2019.
66 f. : il.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Ciências
Econômicas)-Universidade Federal Fluminense, Instituto de
Ciências da Sociedade e Desenvolvimento Regional, Campos dos
Goytacazes, 2019.

1. Novo Imperialismo. 2. Paradoxo. 3. Ellen Wood. 4. Estados
Unidos. 5. Produção intelectual. I. Franco Cerqueira,
Daniela, orientadora. II. Luiz Gomes da Rosa, Ledson,
coorientador. III. Universidade Federal Fluminense. Instituto
de Ciências da Sociedade e Desenvolvimento Regional. IV.
Título.

CDD -

RAFAEL COSENTINO GUIDA

**O PARADOXO DO NOVO IMPERIALISMO E O PAPEL DOS ESTADOS UNIDOS
NA DINÂMICA IMPERIALISTA NO PÓS-GUERRA FRIA**

Trabalho de conclusão de curso
apresentado ao curso de Bacharel em
Ciências Econômicas, como requisito
parcial para conclusão do curso.

Aprovado em ___ de _____ de _____.

BANCA EXAMINADORA

Prof.^aDr.^a Daniela Franco Cerqueira(Orientadora) - UFF

Prof.^aDr^a Vanuza da Silva Pereira - UFF

Prof.^aDr^a. Graciela Aparecida Profeta Silva - UFF

Campos dos Goytacazes
2019

DEDICATÓRIA

À minha avó, Magaly Stella de Oliveira.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus por ter me dado o dom da vida e me permitir chegar até aqui.

Quero agradecer à minha família. Meus irmãos Lucas e Bruna, e minha mãe que sempre lutou para nos dar o melhor e me apoiou durante todo esse tempo. Em especial minha Avó, por todo o apoio, regado a amor e companheirismo ao longo desses anos e tudo que sempre fez por mim.

Gostaria de agradecer a todos os meus amigos que fizeram parte dessa caminhada, sejam eles do Rio de Janeiro ou de Campos dos Goytacazes. Não irei citar nomes em especial, pois com toda a certeza todos tem seu lugar especial nessa minha conquista e cada um sabe o devido valor que os dou.

Gostaria de agradecer tanto a minha orientadora Daniela Franco quanto a meu coorientador Ledson Gomes, por toda a dedicação e paciência ao longo de toda a monografia, por terem dedicado tanto tempo para me ajudar a concluir esse trabalho.

Em especial gostaria de agradecer a banca corretora, Vanuza Ney e Profeta, por primeiramente ter aceitado de tão bom grado o convite a compô-la, e por terem tido toda a dedicação enquanto professores para a minha formação.

E para finalizar gostaria de agradecer a todos os professores da UFF- CAMPOS por toda a dedicação que os mesmos tem para nos dar uma excelente formação, não só como profissionais, mas também como pessoas.

EPIGRAFE

Ser pela liberdade não é apenas tirar as correntes de alguém, mas viver de forma que respeite e melhore a liberdade dos outros.

Mandela

RESUMO

A proposta desta monografia é fazer alguns apontamentos acerca do novo imperialismo proposto por Ellen Wood e seus desdobramentos. Identificando o que de fato são os poderes econômicos norte-americanos, no sentido de verificar se são fortes o suficiente para não haver a necessidade do uso das forças extra econômica. Frente a essa situação, buscando entender o papel dos Estados Unidos, que é colocado como primeiro império de fato a ser puramente econômico nessa dinâmica global onde há múltiplos-Estados independentes. Para tal, fez-se uma revisão teoria com base nos livros” *O Império do Capital*” e “*O Mito do Colapso do Poder Americano*”, aliado a um confronto feito por estatística básica, com o dados sendo retirados do *World Databank – World Development Indicators*, dos possíveis países que põe em risco do ponto de vista econômico e/ou militar a liderança norte americana proposta pela autora. Concluindo que não há uma perda do posto de líder global por parte dos EUA e que o paradoxo é prova verdadeiro.

Palavras-chave: Novo Imperialismo, Paradoxo, Ellen Wood, Estados Unidos.

ABSTRACT

The purpose of this monograph is to make some notes about the new imperialism proposed by Ellen Wood and its developments. Identifying what the American economic powers really are, in the sense of verifying that they are strong enough that there is no need to use the extra economic calls. Faced with this situation, seeking to understand the role of the United States, which is placed as the first de facto empire to be purely economic in this global dynamic where there are independent multiple-states. To this end, a theory review was carried out based on the books "The Empire of Capital" and "The Myth of the Collapse of American Power", combined with a confrontation made by basic statistics, with the data being taken from the World Databank - World Development Indicators , of the possible countries that put the American leadership proposed by the author at risk from an economic and / or military point of view. Concluding that there is no loss of the position of global leader on the part of the USA and that the paradox is true proof.

Keywords: New Emperialism, Paradox, Ellen Wood, United States.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Gastos Militares e Participação no Comércio Global em Proporção do PIB dos EUA (1991-2017) 34

Figura 2: Gastos Militares e Participação no Comercio Global em Proporção do PIB da França (1991-2017) 35

Figura 3: Gastos Militares e Participação no Comercio Global em Proporção do PIB do Reino Unido (1991-2017) 35

Figura 4: Gastos Militares e Participação no Comercio Global em Proporção do PIB da Itália(1991-2017) 36

Figura 5: Gastos Militares e Participação no Comercio Global em Proporção do PIB da Alemanha (1991-2017)37

Figura 6: Gastos Militares e Participação no Comercio Global em Proporção do PIB da Rússia(1991-2017) 39

Figura 7: Gastos Militares e Participação no Comercio Global em Proporção do PIB da China(1991-2017) 40

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Investimento militar anuais de países selecionados:Estados Unidos, Rússia, Reino Unido, China, Alemanha, Itália, França (1991-2017) em milhões de dolares americanos (US\$ Milhões) 43

Quadro 2: Exportações anuais de países selecionados:Estados Unidos, Rússia, Reino Unido, China, Alemanha, Itália, França (1991-2017) em milhões de dolares americanos (US\$ Milhões)

46

SUMÁRIO

| | |
|---|----|
| INTRODUÇÃO | 13 |
| CAPITULO 1 –A Dinâmica Imperialista de Wood | 16 |
| 1.1.1 Considerações Iniciais | 16 |
| 1.1.2 Império de Propriedade | 18 |
| 1.1.3 Império Comercial | 19 |
| 1.1.4 Imperialismo na Lógica capitalista | 23 |
| 1.1.5 Imperialismo Britânico na Índia | 24 |
| 1.1.6 O imperialismo clássico de Wood | 25 |
| 1.2 O novo imperialismo | 27 |
| 1.2.1 A globalização e o papel do Estado | 28 |
| 1.2.2 O Caso Norte Americano | 29 |
| CAPÍTULO 2 - O NOVO IMPERIALISMO E SEUS DESDOBRAMENTOS | 32 |
| 2.1 Panorama inicial | 32 |
| 2.1.1 O paradoxo do novo imperialismo e a Guerra sem fim | 43 |
| 2.2 O líder global | 47 |
| CAPITULO 3 - WOOD POR UMA NOVA ÓTICA | 50 |
| 3.1 A controvérsia sobre o poder econômico dos EUA | 50 |
| 3.1.1 O déficit Comercial Norte Americano | 51 |
| 3.1.2 Estrutura Financeira Norte-Americana e Impactos Globais | 54 |
| 3.2 A guerra sem fim e as demonstrações periódicas de poder | 56 |
| 3.2.1 O Estados Unidos e suas demonstrações periódicas de poder segundo Fiori | 58 |
| CONCLUSÃO | 63 |
| REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA | 65 |

INTRODUÇÃO

O imperialismo, segundo o dicionário Aurélio, significa “forma de governo em que uma nação é um império ou uma tendência para a expansão dos grandes Estados moderno”, o que nos leva a conclusão de que o imperialismo, em especial o clássico, é uma forma de dominação econômica, política e cultural movida pela força militar de um Estado dominante sobre outros Estados, a chamada força extra econômica¹. Já o chamado “Novo imperialismo”, tem uma forma de controle puramente economia, segundo Ellen Wood (2003), o imperialismo capitalista exerce seu poder através dos imperativos econômicos. Para a autora, o ponto comum entre o imperialismo clássico e o novo imperialismo é a transferência de riquezas dos Estados subordinados para os Estados imperialistas dominantes.

O imperialismo se caracteriza como um movimento recorrente ao longo da história, tendo caracterizado a lógica de expansão do Egito Antigo, Grécia e Império Romano na antiguidade, do império Turco e na Idade média. Em sua forma de novo imperialismo, diferencia-se do colonialismo por não haver a anexação do território no qual se exerce a influência.

O imperialismo colonial atingiu seu auge ao final do século XIX devido aos grandes avanços tecnológicos atingidos pela Revolução Industrial, com isso manifestou-se uma necessidade de expandir os mercados consumidores, obter maior quantidade de matérias-primas e dispor de mão-de-obra barata para aumentar sua margem de lucro e baixar os custos de produção. Frente a esse cenário, os Estados imperialista do continente Europeu, como a Inglaterra, França e Alemanha, começaram seu movimento de expansão com foco principal na África e Ásia, sob a bandeira de um progresso e desenvolvimento científico para os povos subordinados. (WOOD, 2003)

Ao final do século XIX, essa corrida pela conquista global gerou os fatores necessários para desencadear uma grande guerra, a chamada Primeira Guerra mundial, que ao imprimir uma derrota ao imperialismo alemão e italiano seriam os causadores de uma nova grande guerra, a chamada Segunda Guerra mundial. Essas duas grandes guerras mundiais foram decisivas para a ascensão Norte-americana, pois o país saiu vitorioso dos dois conflitos sem ter seu território devastado ou ocupado, com isso o EUA foi capaz de expandir seu poder imperialista sobre o globo, em especial depois da segunda guerra mundial, com o plano Marshall de “ajuda” aos países europeus e o plano Colombo de “ajuda” aos países asiáticos,

¹Poder político e militar.

ambos os planos de recuperação dos países foram essenciais para aliciar aliados para fazer frente a União Soviética no período de guerra fria. (WOOD, 2003 p.99).

Com o fim da Guerra Fria e a queda da União Soviética, os EUA se tornaram o líder global, assim espalhando sua influência pelo mundo através de imperativos econômicos, dando início ao que Wood (2003) chama de novo imperialismo. Com isso deixou de lado a política de guerra justa e pôs em prática a chama de “Guerra sem fim”. A partir desse fato, o país promove guerras preventivas e ataques a um inimigo que não é uma nação e sim um grupo, os chamados terroristas. Essa declaração de guerra ao terror por sua vez dá a liberdade aos EUA de promoverem ataques a países onde existe a contestação às suas políticas e a seus interesses imperialistas.

O “Novo Imperialismo” é definido por Ellen Wood (2003) como uma forma de dominação através dos meios econômicos e pela manipulação das forças de mercado, que ocorre por meio da diminuição do poder extra econômico dos Estados dominantes e de um maior alcance do capital global. Nessa nova dinâmica, o capital global se sustenta através de uma ordem internacional baseada em múltiplos Estados com a presença de um líder global. O país que exerce essa função é o EUA que, para Wood (2003), é o primeiro império da história a conseguir alcançar o domínio pelos imperativos de mercado.

Uma característica essencial do novo imperialismo é o fato de seu alcance econômico exceder em muito seu controle político e militar direto, com isso ele se vale dos imperativos econômicos “do mercado” para exercer esse trabalho imperial, diferentemente das formas anteriores de imperialismo, que se valiam de seus impérios territoriais, cujo alcance era limitado pelo alcance da capacidade dos seus poderes coercitivos diretos para impor suas regras. Com isso, constrói-se a ideia central deste trabalho, que é a do Paradoxo do Novo Imperialismo, pois, apesar de os imperativos de mercado conseguirem chegar além do poder de qualquer Estado, o Estados Unidos enquanto líder global ainda se vale do uso das forças extra econômicas.

As políticas de globalização adotadas pelos EUA no pós-Guerra fria tiveram o objetivo de alcançar e englobar o maior número possível de mercados frente a uma ordem de múltiplos Estados, assegurando seu posto de líder global. Para isso se vale de poderes econômicos e extra econômicos para administrar esse novo cenário global. (Wood 2003)

Com isso, o presente trabalho busca identificar o que de fato são esses poderes econômicos com intuito de constatar se os mesmos são realmente fortes o suficiente para não haver a necessidade do uso das forças extra econômicas. Além disso, pretende-se, a partir

dessa visão, apontar se de fato existe o paradoxo do novo imperialismo proposto por Wood (2003). Tendo em vista alcançar os objetivos propostos, essa monografia foi estruturada da seguinte forma:

O primeiro capítulo busca apresentar a teoria formulada por Wood (2003) acerca das diferenças entre os impérios que se sucederam ao longo da história e o novo imperialismo, tal como a autora propõe em seu livro, “*O Império do capital*”. Para tal, faz-se uma breve caracterização de tais impérios, evidenciando suas formas de extração do excedente.

Aliado a isso esse capítulo também busca mostrar o papel dos EUA nesse chamado novo imperialismo, que ao fim da guerra fria, reafirmam seu posto de grande potência imperial, devido a seu poderio militar, produtivo e de dominação, tanto político quanto cultural. Para Wood (2003) os EUA após essa época se tornaram o primeiro império global, pois seus domínios transcendem os limites físicos e não necessita da dominação territorial propriamente dita.

Como abordado anteriormente o Novo Imperialismo por si só não necessitaria da utilização das forças extra econômicas, já que o mesmo teoricamente se vale de forças econômicas, mas como Wood (2003) expõe não acontece necessariamente dessa maneira, o que a leva a ideia do “paradoxo do novo imperialismo”. Nesse sentido o segundo capítulo buscará expor por meios teóricos e estatísticos se de fato há o paradoxo do novo imperialismo, entre os anos de 1991 e 2017, usando os EUA como base, e se esse paradoxo está ligado a uma possível perda do seu cargo de líder global.

No terceiro capítulo fazemos um debate teórico entre Wood (2003) e Serrano (2004) para um melhor entendimento do que são essas forças econômicas e entre Wood (2003) e Fiori (2004) para entender o uso das forças extra econômicas no novo imperialismo. Por fim, tecemos considerações finais acerca do papel das forças econômicas e do uso das forças extra econômicas na consolidação do poder mundial norte americano.

CAPITULO 1 –A Dinâmica Imperialista de Wood

1.1 Considerações Iniciais

Em seu livro, Wood (2003) faz uma formulação teórica acerca do que ela chama de “Novo imperialismo”, que seria um sistema onde todos os atores econômicos – tanto países produtores quanto apropriadores – dependem do mercado para suas necessidades primordiais.

A passagem abaixo nos dá uma breve noção dos imperativos econômicos de mercado, no sentido de o mesmo agir diretamente sobre todo o globo com um alcance ilimitado. Os imperativos de mercado, ou força econômica, podem agir de diversas formas, como por meio de políticas cambiais por parte das grandes potências, se valendo da desvalorização ou valorização do câmbio para aumento de exportações.

No capitalismo, a dependência de produtores e apropriadores em relação ao mercado significa que eles estão sujeitos aos imperativos de concorrência, acumulação e produtividade crescente do trabalho; e todo o sistema – em que a produção competitiva é condição fundamental da existência – é movido por esses imperativos. (Wood, 2003, p. 21)

Nesse contexto, o uso das forças extra econômicas- política, militar ou judicial- daria espaço ao uso das forças econômicas e a manipulação das forças de mercado.

Com a passagem abaixo, trazendo para o âmbito da dinâmica global, pode-se entender como age a força extra econômica, que é o uso da força política e militar por parte das potências dominantes para a extração dos excedentes de produção por parte dos países dominados.

Nas sociedades de classe não capitalistas, não costuma ser difícil identificar a sede do poder. Encontrado a origem da coerção militar e política em geral você vai encontrar também o poder econômico. Nelas, os poderes econômicos das classes dominantes dependem da coerção extraeconômica. Essas classes dependem da sua força coerciva superior, do poder e privilégio militares e políticos, para extrair trabalho excedente, em geral de camponeses que, diferentemente dos trabalhadores assalariados do

capitalismo, detêm a posse dos meios de produção, seja como proprietário, seja como locatário. (Wood, 2003, p. 21)

Com base no papel tanto da força econômica quanto da força extra econômica na dinâmica do novo imperialismo, Wood(2003) foca no caso dos Estados Unidos, o qual é para ela a primeira e única potência a conseguir exercer esse novo imperialismo a maneira capitalista, onde reformula o uso das forças extra econômicas para agir em prol do seu capital, mesmo em uma fase onde impera a dominação econômica.

Quem falar do imperialismo norte-americano provavelmente será contestado com base no fato de os Estados Unidos não governarem nem ocuparem diretamente nenhum país em parte alguma do mundo. E, de fato essa é a dificuldade de caracterizar o “novo” imperialismo. Apesar de ainda existirem alguns bolsões coloniais, nem os Estados Unidos nem qualquer outra potência ocidental importante são impérios que comandam diretamente vastos territórios. (Wood,2003, p. 15)

Nesse sentido, Wood (2003) dá sua visão sobre o antigo imperialismo, o imperialismo colonial, que depende da captura de territórios e da dominação direta dos povos em questão. Nele existe a luta imperial, e a eliminação dos rivais, conjuntamente a ocupação e dominação governamental direta do país dominado. O objetivo desse imperialismo colonial era a transferência de riqueza e a apropriação dos excedentes de produção, que se fazia através do uso da força extra econômica.

Para provar esse ponto, a autora faz uma revisão teórica acerca de alguns impérios ao longo da história, buscando elucidar as diferenças dos mesmos com o império norte americano.

Para expor essas diferenças entre as formas de império que Wood(2003) cita, o capítulo será dividido em duas partes,sendo a primeira começa os casos da antiga Roma e China, e do império espanhol,o que ela chama de impérios de propriedade,os impérios Árabe Muçulmano, Veneziano e Holandês, o que ela chama de impérios de comércio, o império inglês, qual ela chama de império na lógica capitalista, uma generalização dos impérios clássicos. E a segunda parte o novo imperialismo e o caso específico dos EUA.

1.1.1 Império de Propriedade

O Império Romano foi o primeiro “império” colonial dominado por uma aristocracia de proprietários de terra. A exploração da terra era a maior fonte de riqueza, de modo que para a apropriação do excedente se fazia necessário uma grande expansão territorial. O modo de administração romano era baseado em uma forma de “cidades-Estados” autogovernadas por cidadãos, com aparelho estatal mínimo. Para manter esse projeto de expansão e administração, o Império Romano se valia de um forte poderio militar, o qual necessitava de um grande exército permanente, onde o camponês romano - base militar desse império - foi mais explorado como soldado que como gerador de renda ou pagador de impostos. Os pilares de prosperidade do Império Romano foram seu forte poderio militar e sua organização baseada na propriedade privada, valendo-se da tributação como um meio de exploração direta, pois eles não precisaram criar um sistema unificado para se valer da exploração dos locais colonizados devido à forte valorização da propriedade privada, logo as aristocracias locais se valeriam da exploração do trabalho excedente. (Wood, 2003)

A fragmentação do poder romano foi a base da expansão territorial do mesmo, pois a busca por propriedades privadas por parte da aristocracia e a necessidade de aumentar seus exércitos particulares fez com que houvesse a necessidade da expansão territorial.

Já o império Chinês, diferente de Roma, era centralizado, onde o cargo público era a maior fonte de riqueza, não a terra, como era no caso romano.

O Estado imperial chinês reproduziu, em grande escala, um padrão de formação de Estado que provavelmente foi mais regra do que exceção nas altas civilizações do mundo não capitalista: uma hierarquia que descia de um monarca até distritos administrativos governados por funcionários reais e fiscais, que extraíam trabalho excedente de aldeias subjugadas de camponeses produtores para redistribuí-lo para cima, ao longo da cadeia hierárquica. (Wood, 2003, p. 33)

O império chinês se valia do poderio militar e das tributações diretas para se apropriar do trabalho excedente dos trabalhadores, pois a base material do império chinês era o

campesinato, ao passo que tomavam medidas para desconcentração de terras, como forma de bloqueio do desenvolvimento de classes agrárias fortes. (Wood, 2003)

A base desse império era a força extraeconômica, se valendo do poderio militar, assim como o império romano, porém esse era mais baseado na tributação direta e centralização do poder estatal.

No que se refere ao império espanhol, a conquista e colonização de territórios dispersos foi o padrão, tendo territórios colonizados na África, América do sul e Ásia, com uma combinação de uma propriedade privada forte, com Estados Centrais pequenos. O modelo primário espanhol de expansão imperial não foi a absorção de novos territórios num único aparelho burocrático, mas sim a dispersão do poder político e econômico ligado a propriedade privada, governada a distância. (Wood, 2003, p. 40)

Para a autora, o império espanhol se fez valer da parceria público-privada como um forte pilar para a expansão desse império, já que a Espanha criou o maior império de além-mar, visto até a época. Com isso, as colônias não conseguiriam ficar só sob administração direta da coroa, uma vez que devido às grandes distâncias, fez-se necessária a dominação também pelas elites locais, aproximando-se do modo romano de expansão.

A Espanha, assim como Roma antes dela, foi capaz de estender o seu domínio imperial investindo poder nas classes locais proprietárias de terras; e durante algum tempo teve lucros enormes com esse império. Nesse sentido, o alcance econômico do Estado imperial já excedia o seu controle político. Ainda assim, a dependência essencial da força extraeconômica desde a conquista militar em que se apoiava todo o sistema até as várias formas de exploração extraeconômica adotadas pelos conquistadores, sem falar no importante papel da Espanha no desenvolvimento do tráfico de escravos na Europa – significou que o controle econômico do império sempre foi limitado pelas capacidades do seu poder extraeconômico.” (Wood, 2003, p. 43-44)

Portanto para Wood (2003) mesmo que o império espanhol se distancie ou se aproxime dos impérios Romano e Chinês, o ponto central que os liga é o uso das forças extraeconômicas, com o uso da força militar para a apropriação do trabalho excedente.

1.1.2 Império Comercial

Dando segmento a sua caracterização, Wood (2003) analisa impérios que foram mais dedicados ao controle do comércio do que ao domínio do território ou a imposição do trabalho forçado, isto é, os chamados “impérios do comércio”, composto pelos impérios

Árabe Muçulmano, Veneziano e Holandês. Por mais que sejam chamados de impérios comerciais não significa que seu domínio foi baseado em imposições econômicas, mas sim no uso do poder extra econômico como a base do princípio de operação. Como pode ser visto na passagem abaixo, no comércio externo veneziano:

[...] a força militar persistiu como a condição básica do sucesso comercial. A elite urbana costumava responder a oportunidades comerciais inadequadas não pelo aumento da produtividade do trabalho ou da eficiência dos custos, mas explorando ainda mais os produtores por meio da coerção Extra econômica. [...] . Então, no fundo, o sucesso comercial dessas cidades-Estado se baseava na força militar. (WOOD, 2003, p.53)

As forças militares nesses impérios serviam não primordialmente para a captura de territórios, mas sim para garantir o controle das rotas comerciais e forçar outros Estados a aceitar seus postos comerciais, estabelecimentos mercantis, concessões comerciais e monopólios em geral.

Se a coesão do Estado imperial chinês dependeu do seu aparelho burocrático, e os impérios territoriais, como o romano, se mantinham unidos por uma rede de aristocracias proprietárias de terras, os elos dos impérios comerciais eram, acima de tudo, os mercadores e comerciantes. (Wood,2003, p. 46-47)

No caso do Império Árabe Muçulmano, os meios militares foram utilizados para tomar o controle de rotas militares,mas também de um vasto território.Inicialmente, as terras conquistadas se mantinham unidas por meio de uma rede de campos armados,o que foi dando espaço ao controle comercial,o qual lançou as fundações da expansão militar.Essa coesão se baseou em uma elaborada rede econômica que unia uma cadeia de grandes cidades e regiões dispersas por meio de importantes ligações comerciais.

Nesse império, apesar da produção do proprietário rural ir ao mercado, o sucesso desse produtor não era determinado pelo preço concorrencial ou pela produtividade do trabalho, mas sim pelas ligações pessoais entre as partes, logo não dependiam de uma produção competitiva. Com isso, sua subsistência não dependia do mercado, mas sim do acesso à terra e aos meios de produção.

Os governantes árabes dependiam da riqueza criada pelos produtores rurais, com a evolução do Império o campo foi subordinado à cidade, a qual exercia o seu controle pela

apropriação de excedentes rurais para sustentar a população urbana, por meio das forças militares e pela burocracia estatal. O principal instrumento extra econômico de extração foi a tributação.

Na base do poder de tributar havia, evidentemente, a força militar dos governantes, mas ela também operava em favor de outros membros da elite urbana, particularmente aqueles a quem o Estado distribuía a cobrança de impostos, que assim tinham o controle dos produtores rurais como fonte de riqueza pessoal. (WOOD, 2003, p. 50)

O caso veneziano se diferenciou devido a dominação das classes urbanas sobre os campos. No caso específico, como o de Veneza, que se tornou o que Wood (2003) chamou de senhoria coletiva, as quais dominou o campo em torno dela, extraindo riquezas para sustentar os cargos públicos. Se valendo da tributação e dos poderes coercitivos para tal situação, porém a verdadeira riqueza dessa cidade-Estado era gerada pelo comércio e pelos serviços financeiros.

Ela se baseava em um comércio que era conduzido por meio de princípios não capitalistas² e sim do poder extraeconômico, como privilégios de monopólio.

Isso não quer dizer que a produção não fosse capaz de se adaptar, nem que não tenha se adaptado, às mudanças nas condições e às oportunidades de mercado. Mas o segredo básico do sucesso nessas cidades-estados mercantis era o seu domínio das redes comerciais. Isso, por sua vez, depende não somente da qualidade dos produtos que fabricavam, mas também das vantagens extraeconômicas que lhes garantem superioridade no controle e na negociação nos mercados, ou no transporte de bens entre eles, tanto de seus próprios produtos domésticos quanto daqueles produzidos em outros lugares. Na cidade, o poder político era ao mesmo tempo poder econômico; e no comércio externo, de longe a atividade comercial mais lucrativa, a força militar persistiu como a condição básica do sucesso comercial. (Wood, 2003, p.53)

O sucesso comercial dessa cidade-Estado se baseava na força militar, as competições econômicas nessa forma de império era menos uma disputa de preços que de rivalidade entre Estados comerciais em torno do controle direto dos mercados. Uma importante característica dessa sociedade comercial era a comercialização da guerra, já que as cidades-estados do norte da Itália estavam constantemente em guerra pelo controle do campo. Os venezianos conseguiram transformar a força militar não somente em um meio de policiar seus domínios comerciais como também em uma mercadoria de troca, alugando seus exércitos para outros

²Sem depender da eficiência dos custos de produção nem da alta produtividade do trabalho em um mercado movido pela competição de preços.

Estados. Com isso, a característica principal do império veneziano foi a interação entre comércio e guerra.

No caso holandês, que foi, conforme Wood, o caso de sociedade mais mercantilizada do mundo antes do advento do capitalismo, os fazendeiros, também, eram dependentes do comércio, a base da economia interna holandesa dependia do comércio internacional. Mesmo com isso o cargo público era uma fonte de renda privada³. (WOOD, 2003)

O crescimento das cidades não dependeu diretamente da produtividade agrícola, pois, as cidades não eram limitadas pela produção doméstica. Contudo a República Holandesa de muitas formas fundamentais se valia do poder extraeconômico de apropriação. Os holandeses dominaram o comércio báltico porque controlavam as rotas marítimas por meio de navios e poder naval superior. O maior meio de lucro dos Holandeses sempre foi a circulação e não a produção, devido ao grande foco no que ela chamou de “sofisticação comercial”.

Quem não abandonava o comércio pelos cargos públicos exibia de outras maneiras uma lógica não capitalista. Os interesses comerciais clássicos dos mercadores cujos lucros resultam da circulação, e não da produção, se afirmavam com mais força do que nunca. (Wood, 2003, p.59)

No tocante do poder extraeconômico para o ganho econômico, a Holanda seguiu uma lógica não capitalista⁴, haja visto que o poder militar era essencial. Nos primeiros anos da República Holandesa os gastos militares representavam a maior parte das rendas tributárias, pois as forças militares eram necessárias para dominar as rotas comerciais, impor os monopólios e excluir Estados rivais de vários mercados. (Wood 2003).

Para Wood (2003) os holandeses aperfeiçoaram o imperialismo comercial, pois o objetivo não era imposto, terra, mas a supremacia do comércio.

³Um meio de extrair excedentes dos produtores diretos.

⁴Uso da força militar

1.1.3 Imperialismo na Lógica capitalista

Até o presente momento foram apresentados impérios baseados na forma não capitalista, com isso para Wood (2003) a Inglaterra a primeira a se aproximar da forma capitalista, sendo o modelo de colonização um dos pontos para tal afirmação.

A Inglaterra se baseou no modelo de envio da população excedente para as colônias, tendo em vista tornar as terras “mais produtivas”, mesmo que para isso fosse necessário o uso da força. Para ela, seus colonos teriam, o direito de se apropriar da terra sem a permissão de qualquer autoridade local caso se julgasse que a terra não estava sendo bem aproveitada. As colônias ajudavam a manter a ordem social no país, ao passo que aumentavam a supremacia comercial da Inglaterra elevando a sua vantagem competitiva.

Além disso, a colonização ajudou no processo que a Inglaterra vivia na época, isto é, na implantação de um novo modelo de arrendamento, segundo o qual os costumes são substituídos pelas lógicas de mercado, logo os proprietários de terra poderiam alterar o valor do arrendamento de acordo com as condições de mercado. Esse processo era extremamente excludente, apenas os fazendeiros de maior poder aquisitivo poderiam fazer as melhorias para aumentar a produtividade e o lucro, logo aumentar o valor da terra.

Esta, então, foi a lógica do capitalismo agrário, que se desenvolvia gradualmente no campo inglês, e com ela vieram os novos princípios da expansão imperial. A história do início do capitalismo agrário- o processo de colonização doméstica, a retirada da terra do uso comunitário, seu desenvolvimento, cercamento e novas concepções de direitos de propriedade – foi reproduzida na teoria e prática do Império. (Wood, 2003, p.68)

Segundo Wood (2003), os proprietários de terra perderam seus poderes extraeconômicos para o Estado, e com isso sua riqueza passou a depender da produtividade e do sucesso comercial de seus locatários.

Apesar de ser a primeira experiência a se aproximar de fato da lógica de funcionamento capitalista, a Inglaterra não abandonou o uso do poder extra econômico, muito pelo contrário, a mesma se valeu de uma esmagadora força naval para impor sua dominação sobre as redes internacionais de comércio.

A nova lógica de apropriação capitalista por meio da produção competitiva lançou uma base para a competição econômica como alternativa ao governo colonial direto; mas um longo tempo se passaria até que esses imperativos se tornassem suficientemente generalizados e poderosos para reduzir a necessidade de coerção colonial direta e do controle do comércio pelos meios militares. (Wood,2003, p.74)

Os imperativos econômicos agiram na Inglaterra por meio de expropriação colonial e da fundação de colônias pela força. O papel do Estado foi determinante para esses imperativos econômicos agirem, já que a falta de propriedade dos produtores os leva a vender sua força de trabalho em troca de salários, e a sujeição dos apropriadores às compulsões do mercado os obrigam a competir e acumular. O que não exclui a necessidade do uso das forças extra econômicas, pois esses imperativos econômicos precisam ser implantados e sustentados, e essas tarefas se realizam através do uso das forças extra econômicas, que no caso inglês foi o cercamento dos campos por parte do Estado, aliado ao seu sistema de colônias.

1.1.4 Imperialismo Britânico na Índia

No caso do Imperialismo Britânico, que até então era uma forma de transição para a maneira capitalista⁵, na Índia, houve uma reversão às formas não capitalistas de império. Iniciado como um império comercial de caráter monopolista, logo deu-se espaço a uma forma de império territorial governado pelo Estado imperial.

Ao começo da investida Britânica das Índias orientais, segundo Wood(2003), não havia um interesse no governo territorial da mesma,porém o governo britânico se valeu das forças extraeconômicas para o controle do comércio na região,ou seja, valendo-se do monopólio e do poderio militar para estabelecer vantagens comerciais sobre seus rivais.Porém, na segunda metade do século XVIII os excedentes extraídos diretamente dos produtores,por forma de impostos e tributos,tornaram-se mais vantajosos do que o controle comercial,fazendo com que os imperativos territoriais crescessem cada vez mais.

Como o capitalismo britânico integrava o mercado internacional de forma a sujeitar a produção indiana às pressões da competição capitalista, a

⁵Nesse caso age como transição, pois a Inglaterra não abandonou as rivalidades extraeconômicas nesse período, determinando sua supremacia comercial através da sua enorme força naval.

depressão de preços dos produtos indianos simplesmente agravou os efeitos imperiais na supressão da indústria indiana. Isso aumentou as atrações relativas da Índia como fonte de renda extraída diretamente da terra, e não as de oportunidade comercial, e fortaleceu a motivação imperial para reverter às formas não capitalistas de exploração coercitiva direta. (Wood,2003, p.91)

No caso do imperialismo Britânico na Índia, o desvio do império comercial para o territorial levantou uma ideia de que a tentativa de construir um império territorial sobre imperativos capitalistas estava condenada ao fracasso, pois, um império de coerção tende a se autolimitar devido ao fato de cedo ou tarde o mesmo destruir sua própria fonte de riqueza, mesmo que enquanto dure gere grandes lucros. A lucratividade do imperialismo capitalista só se completa quando os imperativos econômicos se tornam suficientemente fortes para se estender além do alcance de qualquer poder extraeconômico imaginável, e que se impõe sem a necessidade de uma administração e/ou coerção diária de um Estado imperial. (Wood,2003,p.91-92)

1.1.5 O imperialismo clássico de Wood

O século XIX foi marcado pelas ferozes campanhas de expansão colonial europeia, devido a conflitos em volta da divisão do mundo, durante o que Wood(2003) chama de era clássica do imperialismo. Essa competição era uma rivalidade para dividir a parte não capitalista do mundo e quanto mais o capitalismo se espalhava, maiores se tornavam os conflitos pelas potências imperialistas.

A partir dessa visão, Wood se vale de autores marxistas clássicos para dar embasamento a seus argumentos, como Rosa Luxemburg, onde a mesma argumenta que “o sistema capitalista necessita de uma saída para formações não capitalistas, razão porque capitalismo inevitavelmente significa militarismo e imperialismo”. E isso levaria a sua fase “final”, “uma arma na luta competitiva entre países capitalistas por áreas de civilização não capitalista. (Wood,2003,p.98)

Em consequência disso, o capitalismo necessariamente precisa se apropriar de ambientes não capitalistas aliado às forças extraeconômicas, como a coerção militar e geopolítica, as guerras e rivalidades entre Estados coloniais e a dominação territorial.

Mesmo que em estágio avançado, o desenvolvimento do capitalismo na Europa do século XIX, gerou grandes guerras no século seguinte, como a primeira guerra mundial, que se

baseou em uma rivalidade geopolítica e militar dos grandes impérios da época. Já nesse período os EUA começaram a realizar seu papel na dinâmica imperialista, através da Doutrina Monroe e do uso de meios militares expandindo sua influência pelo Ocidente.

Nesse sentido, Wood(2003) acredita que a segunda guerra mundial, foi a última guerra entre as potências capitalistas, como busca direta de expansão territorial para atingir seus objetivos econômicos, através do uso explícito e direto das forças extraeconômicas e não dos imperativos de mercado. Com o término da segunda guerra e a ascensão real dos EUA à potência capitalista dominante, junto a reconstrução e emergência, outras potências competitivas como Alemanha e Japão, começou a era, em que a competição econômica superou a rivalidade militar entre as maiores potências capitalistas.

Mesmo que a Guerra fria nunca tenha de fato terminado em um conflito militar direto entre EUA e a União Soviética, a mesma redefiniu o conceito de poderio militar imperial, pois não buscou a expansão territorial direta. Foi durante esse período que os EUA se tornaram a força militar mais poderosa do mundo, aliada à uma economia altamente militarizada.

Foi durante essa época que o propósito das potências militares se afastou decisivamente dos objetivos relativamente bem definidos de expansão imperial e rivalidade interimperialista para o objetivo genérico de policiar o mundo no interesse do capital.[...]Os Estados Unidos saíram da Segunda Guerra mundial como a maior potência militar e econômica e assumiram o comando de um novo imperialismo governado por imperativos econômicos e administrado por um sistema de múltiplos Estados.”(Wood,2003, p. 100)

Com isso Wood (2003) fecha essa parte de seu pensamento afirmando que há o surgimento de um novo imperialismo, que não seria uma relação entre senhores imperiais e súditos coloniais, mas sim uma relação entre Estados mais ou menos soberanos.

Como já exposto ao longo do capítulo, Wood(2003) se baseia muito no uso da força extraeconômica para caracterizar os impérios ao longo da história. Para ela essa força é usada de diversas formas ao longo dos diversos impérios, como nos antigos impérios onde os imperativos extraeconômicos se realizavam diretamente pelos apropriadores, proprietários de terra, comerciantes entre outros.

Para Wood (2003) as sociedades capitalistas não se valiam das forças extraeconômicas para a apropriação direta dos lucros excedentes, pois não se utilizava a extração direta das riquezas, mas sim a manutenção das propriedades privadas, assim como o capitalista realiza a extração do mais valor sobre o operário.

Com isso Wood(2003) dá um grande foco ao poder extraeconômico como caracterizador dos impérios globais Pé-Segunda Guerra mundial,pois a partir do término da mesma,para a autora os imperativos econômicos tomam para si a função de reguladores dos impérios,o que ela chama de nova fase do imperialismo,ou novo imperialismo.

1.2 O novo imperialismo

O novo imperialismo é diferente de qualquer outro imperialismo apresentado na história, pois se caracteriza por não se valer do uso das forças extraeconômicas e sim dos imperativos econômicos e forças de mercado, para que os Estados-Nações soberanos explorem os demais.

Nesse novo imperialismo, conforme caracterizado por Wood (2003), todos os atores econômicos dependem dos imperativos econômicos, logo as suas ações são pautadas nesses imperativos e não no domínio direto colonial, como visto até então. Os países imperialistas nesse novo modelo se apropriam do trabalho dos países explorados da mesma forma que o capitalista se apropria do trabalho excedente da classe operária, uma vez que os países explorados necessitam entrar no mercado para vender seus excedentes de produção.

Assim como o capital exerce sua dominação sobre o trabalho sem o poder coercitivo direto, porque os trabalhadores dependem do mercado e são obrigados a entrar nele para vender sua força de trabalho, coisa análoga aconteceu no plano global, onde mais e mais partes do mundo foram submetidas a esses imperativos de mercado que as tornaram dependentes. (Wood,2003, p. 9-10)

Essa apropriação do valor produzido nos países subjugados a esse imperialismo não acontece de forma explícita como acontecia nos impérios anteriores, onde prevalecia a exploração colonial direta. Nesse caso, a transferência de riqueza das colônias para a sede ocorria de forma clara, através da extração de metais preciosos, com a cobrança direta de impostos entre outras formas, evidenciando que nessas relações era claro o uso da força extraeconômica dos dominadores para com os dominados.

A exploração dos países subjugados pelos países imperialistas ocorre por meio da dependência econômica que se estabelece por meio de relações de mercado desiguais em relação a concorrência e produtividade, de forma que o excedente que as nações dependentes cedem ao capital imperial não é facilmente medida, visto que acontece de maneira opaca.

Hoje é mais difícil que nos antigos impérios coloniais detectar a transferência de riqueza das nações fracas para as mais fortes. Mas, mesmo quando é dolorosamente evidente que ela ocorra, a forma como isso é realizado não é menos opaca que a relação entre capital e trabalho, e essa opacidade deixa muitos espaços para negativas. Também nesse caso não há, tipicamente, uma relação de coerção direta. Também nesse caso, as compulsões têm maior probabilidade de serem “econômicas”, impostas não pelos senhores (diretamente), mas pelos mercados. Também aqui, a única relação formalmente reconhecida é a que existe entre entidades legalmente livre e iguais, como compradores e vendedores, tomadores de empréstimos e emprestadores, ou até mesmo entre Estados claramente soberanos. (Wood,2003, p.16-17)

Para Wood (2003), para entender esse “novo imperialismo”, é necessário entender o poder da força econômica, já que o controle do capital (alcance da força econômica) nesse novo imperialismo vai muito além do alcance do poder político e militar direto (força extra econômica). Nesse sentido acredita que, devido a globalização e a financeirização, os imperativos de mercado perderam suas limitações físicas, as grandes potências podem dominar as demais por meio dos imperativos de mercado, como com as variações nas taxas de câmbio. E esse controle excede os limites físicos que as forças militares não podem transcender.

Mais uma vez, trata-se de uma característica essencial do imperialismo capitalista o fato de seu alcance econômico exceder em muito seu controle político e militar direto. Ele pode se valer dos imperativos econômicos “do mercado” para fazer grande parte de seu trabalho imperial. E isso diferencia nitidamente das formas anteriores de imperialismo, que dependia diretamente desses poderes extraeconômicos- fossem eles impérios territoriais, cujo alcance era limitado pelo alcance da capacidade dos seus poderes coercitivos diretos para impor suas regras, ou impérios comerciais, cujas vantagens dependiam do domínio dos mares ou de rotas de comércio. (Wood, 2003, p. 115)

Porém, para ela, esse fator de alcance econômico ter ultrapassado o alcance do poder político e militar só ocorreu com o império dos Estados Unidos, pois só o mesmo se baseia em imperativos especificamente capitalistas, assunto que será melhor trabalhado a frente.

1.2.1 A globalização e o papel do Estado

A globalização foi um acelerador do novo imperialismo, pois foi com a ajuda dela que houve uma maior abertura das economias subordinadas ao capital imperialista, o que acentuou a desigualdade entre as nações, visto que as economias imperialistas continuavam com suas economias protegidas, por meio de medidas protecionistas. “Globalização não tem nada a ver com liberdade de comércio. Pelo contrário ela está associada ao controle cuidadoso das condições de comércio no interesse do capital imperial.” (Wood,2003, p. 103).

Na visão de Wood (2003), mesmo com a globalização o Estado-Nação ainda apresenta uma grande importância, já que é ele que cria e realiza a manutenção das condições de acumulação do capital. ‘Pelo contrário, meu argumento é que o Estado é hoje mais essencial do que nunca para o capital, mesmo – ou especialmente –na sua forma global. A forma política da globalização não é um Estado global, mas um sistema global de Estados múltiplos” (Wood 2003, p. 18).

Graças a globalização foi retirado do Estado a sua função de bem-estar social e melhoria social, mas não foi retirado as suas funções administrativas e coercitivas, em razão das mesmas sustentarem o sistema de propriedade e darem regularidade e previsibilidade diária necessária para a expansão do capital. “A própria essência da globalização é uma economia global administrada por um sistema de Estados múltiplos e soberanias locais, estruturada numa relação complexa de dominação e subordinação” (Wood 2003, p. 108)

Para a autora um sistema de múltiplos Estados gera por si próprio um problema, pois existe uma dificuldade em se manter a ordem em um sistema onde há muitas entidades nacionais independentes, devido às diversas necessidades e pressões internas de cada Estado. E Com isso para a administração desse sistema deve haver um único poder militar esmagador, que seja capaz de manter todos os outros sob seu controle, e essa entidade com poder suficiente para isso é posto pela autora como os EUA.

1.2.2 O Caso Norte Americano

O início desse novo imperialismo se deu imediatamente no pós-segunda guerra mundial, onde os Estados Unidos afirmam sua supremacia militar, através das bombas atômicas de Hiroshima e Nagasaki, e sua hegemonia econômica, através do sistema Bretton Woods, do FMI, do Banco Mundial e do acordo geral de tarifas e comércio. Esses acordos tinham o intuito de estabilizar a economia mundial, objetivando transformar o dólar norte americano na moeda corrente global. Neste período pós-guerra, os EUA usaram sua economia

em forte expansão para garantir novos mercados, os chamados mercados do terceiro mundo, por meio do forte investimento para “desenvolvimento e modernização” dos mesmos. (Wood,2003, p.101)

Nessa visão de Wood (2003) sobre o imperialismo norte americano, a chamada “globalização”⁶foi onde os EUA conseguiram de fato subjugar o globo às necessidades de seu capital.

Os Estados unidos usaram seu controle das redes comerciais e financeiras para adiar o dia do acerto de contas do seu próprio capital interno, o que lhes permite passar o peso a outros, facilitando os movimentos do excesso de capital para buscar lucros onde quer que pudessem ser encontrados, numa orgia de especulação financeira. (Wood,2003, p.102-103)

Com seu forte investimento nos mercados do terceiro mundo, os EUA conseguiram impor suas condições a eles. Como mencionado anteriormente, o novo imperialismo necessita de economias mais vulneráveis para extrair seus lucros capitalistas, os EUA conseguiram esse feito, com o chamado “consenso de Washington” e por meio do FMI e do Banco Mundial, e para exemplificar os meios, a autora cita um exemplo:

Uma ênfase na produção para exportação e a remoção de controles de importação, como o que a sobrevivência dos produtores passou a depender do mercado, abrindo-os simultaneamente, especialmente no caso da produção agrícola, a competição dos produtores ocidentais altamente subsidiados, a privatização dos serviços públicos, que ,então, se tornaram vulneráveis a anexação por companhias sediadas nas maiores potências capitalistas, altas taxas de juros e desregulação financeira, que geraram grandes ganhos para os interesses financeiros norte-americanos, criando simultaneamente uma crise da dívida no terceiro mundo.(Wood,2003,p.103)

Nesse sentido os EUA desfrutaram de uma posição privilegiada, a de líder global, pois, o mesmo com sua economia consegue subjugar outras economias aos seus interesses internos, através de manipulação da dívida, das regras de comércio, da ajuda externa e de todo o sistema financeiro.

Ao representar a essência do novo imperialismo, Wood (2003) ressalta que os EUA têm a difícil tarefa de dominar em um mundo globalizado e com múltiplos-Estados, sem uma dependência direta do poder extraeconômico. Porém, mesmo sem depender desse poder

⁶Para Wood(2003) esse período seria conhecido como a internacionalização do capital, através da especulação financeira global, que devido à falta de fronteiras físicas ocorreria de forma mais rápida e livre.

extraeconômico os EUA vêm investindo grande quantidade de recursos em seu poderio bélico desde o período de guerra-fria.

Mesmo com a queda da União Soviética e o término da guerra-fria os investimentos bélicos não cessaram, o que nos leva ao questionamento de qual a necessidade desse crescente investimento, já que não há inimigos diretos que ameacem o posto como potência militar dos EUA. Ele mesmo os “inimigos” econômicos, como China e Alemanha podem ser enfrentados através dos imperativos de mercado que, como sugere a teoria do novo imperialismo, seriam suficientes para assegurar essa liderança.

Uma vez que não ocorre rivalidade geopolítica e militar direta e a disputa foi deslocada para a competição à maneira capitalista, a transferência do excedente não precisa de coerção direta. O que nos leva ao papel que o poder extra econômico tem para o Estado norte americano e a teoria da “Guerra sem fim” de Wood, que serão devidamente apresentados e trabalhados na segunda sessão deste trabalho.

CAPÍTULO 2 - O NOVO IMPERIALISMO E SEUS DESDOBRAMENTOS

2.1 Panorama inicial

Durante o período de Guerra fria o mundo se encontrava bipolarizado, uma parte do globo se encontrava na zona de influência norte americana, a zona capitalista, e a outra parte sob a influência soviética, zona socialista. Nessa época os países soviéticos estavam fora do mercado mundial, ou seja, as influências dos poderes de mercado não podiam afetar os mesmos. Com isso durante essa fase da história, os EUA, mesmo que não entrando em confronto direto com a União Soviética se valia fortemente do uso e aumento do seu poder extraeconômico – através da corrida armamentista- para aumentar suas zonas de influência pelo globo. Por isso, o governo dos EUA

[...] Bloqueou, mutilou e destruiu experimentos políticos nacionais em todo o mundo; [...]. Desestabilizaram-se governos, incentivaram-se violência de todos tipos, formaram-se esquadrões paramilitares clandestinos para ações do terrorismo de Estado, organizaram-se operações interamericanas para assassinato de lideranças políticas, satanizam-se partidos políticos, sindicatos, movimentos sociais e correntes de opinião pública, além de muitas outras ações abertas ou encobertas de cunho nazi-fascista combinando recursos materiais, organizatórios e profissionais das agências governamentais ou paragovernamentais norte-americanas. (IANNI, 2012, p. 19)

Com o término da Guerra Fria e com a dissolução da União Soviética houve uma expansão e desenvolvimento do capitalismo. Os países, antes sob influência da União soviética, transformaram-se em espaços do mercado mundial, logo passaram a ser influenciados pelos imperativos de mercado. Com isso, organizações como o Fundo Monetário Internacional (FMI), a Organização Mundial do Comércio (OMC) e o Banco Internacional para Reconstrução e Desenvolvimento (BIRD) obtiveram o poder de pressionar, os até então países sobre influência do socialismo, a promover reformas em todos os âmbitos – político, econômico e sociocultural – com o objetivo de favorecer a dinâmica das forças produtivas e as relações capitalistas de produção. Esse era o cenário perfeito para a expansão do capital norte americano.

São diversas, diferentes e insistentes as pressões externas e internas destinadas a provocar a reestruturação do Estado. Trata-se de promover a desestatização e desregulação da economia nacional; simultaneamente, promover a privatização de empresas produtivas estatais e dos sistemas de saúde, educação e previdências. Além disso, abrem-se os mercados, facilitam-se as negociações e associações de corporações transnacionais com empresas nacionais. Muitas conquistas sociais de diferentes categorias operárias e outros assalariados já foram ou estão sendo redefinidas, reduzidas ou mesmo eliminadas, sempre a partir de palavras de ordem tais como “mercado”, “produtividade”, “competitividade”, como graves prejuízos para os que são obrigados a vender a sua força de trabalho para viver ou sobreviver. (IANNI, 2012, p. 20)

Por essa ótica, ao final da guerra fria e com todas as partes do globo podendo ser afetadas e influenciadas pelo capitalismo, faz sentido que se diminua o uso das forças extra econômicas e com isso abre-se espaço para o uso apenas dos imperativos de mercado por parte dos EUA. Dessa forma o novo imperialismo surge enquanto uma categoria da história contemporânea, com isso cabe pensar no novo imperialismo enquanto categoria histórica distinta daquelas formas de imperialismo pré-capitalista analisadas.

O comportamento esperado dos EUA, o principal império do sistema global no pós-guerra fria, seguindo a lógica de Wood (2003), seria o aumento significativo na participação do mercado global, tomando para si o posto de líder dessa dinâmica, com uma queda de seus gastos militares devido à falta de necessidade de dominação com uso da força extra econômica, já que nessa nova dinâmica o uso das forças econômicas por si só já valeria.

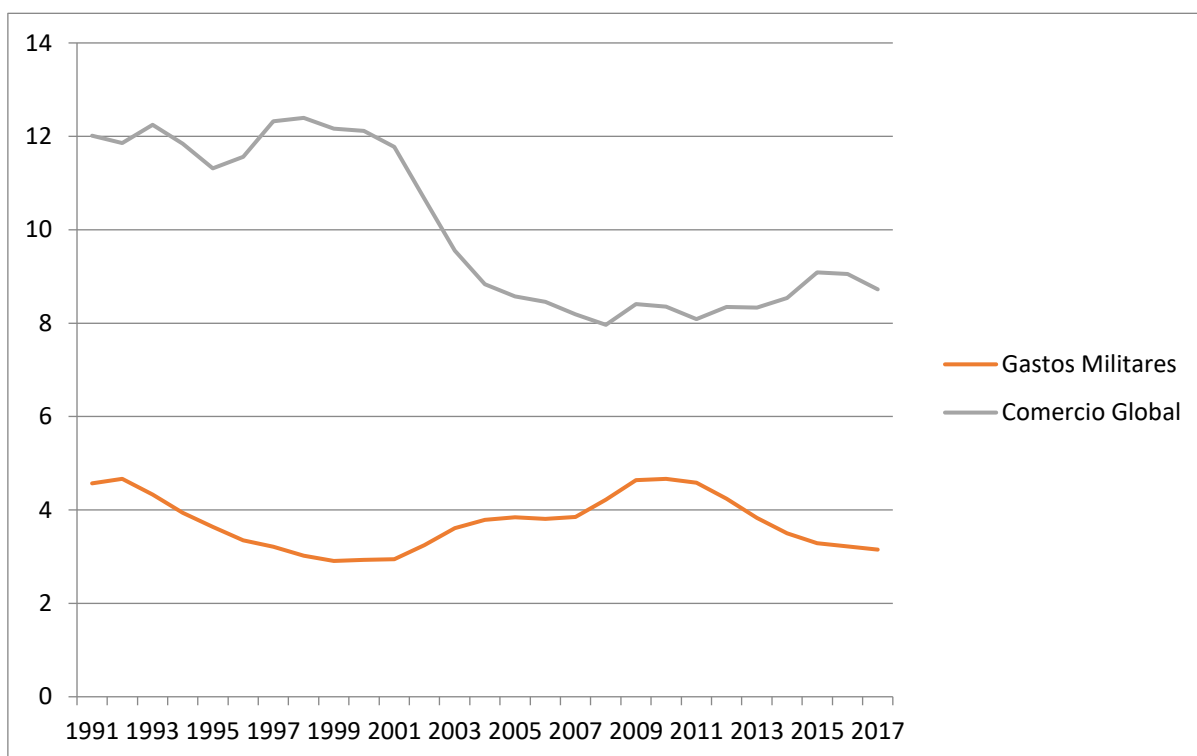
A Figura 1 mostra justamente a tendência inversa, no caso norte americano, onde pode-se ver uma crescente queda na participação do comércio global e uma oscilação dos gastos norte-americanos. Entre os anos de 1991 e 2001, pode-se dizer que os Estados Unidos estabelecem seu poder imperialista ao modelo de Wood (2003), pois há uma queda dos gastos militares de forma expressiva e sua participação no comércio global segue uma tendência de crescimento com pequenas oscilações. Essa tendência pode ser explicada devido ao término da Guerra fria e a abertura de novos mercados (antigos países socialistas), seguindo nessa linha os EUA não teria mais um inimigo direto, a antiga União soviética, logo faz sentido a diminuição dos gastos militares.

Essa tendência também se verifica entre os anos de 2012 e 2017. Possivelmente ligado a não participação dos EUA em guerras diretas, por mais que tenha participado em guerras indiretas como a guerra civil na Líbia, a guerra na Síria e a guerra civil iraquiana, os EUA ainda mantêm um investimento alto em sua indústria bélica, mas um investimento decrescente.

Contudo entre os anos de 2002 e 2011 há uma inversão dos padrões, há uma queda acentuada na participação do comércio global e um aumento gradual dos gastos militares. Uma possível explicação para esse fato se dá por causa do atentado sofrido por parte dos EUA, o 11 de setembro de 2001. Com isso, essa economia assume uma postura mais ofensiva em relação ao globo. Sob o comando de Bush (filho) os EUA declaram sua “guerra contra o terror”, o que justifica o aumento dos gastos militares, já que EUA toma para si o direito de realizar ataques preventivos contra qualquer lugar no globo. Em relação ao comércio global a explicação possível seria o aumento da participação da China no intercâmbio internacional, já que a mesma se “abre” para o mundo capitalista durante esse período. Além disso o crescimento econômico significativo dos chineses também favoreceu o aumento desse indicador.

Seguindo a linha de pensamento de Wood (2003) o novo imperialismo traduz a ideia de estabilidade do sistema global de múltiplos Estados, os EUA tenderiam a perpetuar de forma contínua sua posição se valendo dos imperativos de mercado, porém essa tendência não é observada ao analisar-se os dados, já que há tanto oscilações na participação do mesmo no mercado global como no seu investimento bélico.

Figura 8: Gastos Militares⁷ e Participação no Comercio Global⁸ em Proporção do PIB dos EUA (1991-2017)



Fonte:Elaboração Própria
World DataBank – World DevelopmentIndicators.

A comprovação de que a extração de excedentes dos países dependentes e a disputa entre países imperialistas ocorre através das relações de mercado e critérios de produtividade, requer analisar a evolução dos gastos militares e a participação no comércio de outros países imperiais. De acordo com a série histórica da participação do PIB na economia mundial, foram escolhidos os países com os quatro maiores PIB's da União Europeia.Para as comparações estatísticas usaremos Alemanha, França, Itália e Reino Unido. Todas as comparações serão feitas por meio de estatística básica.

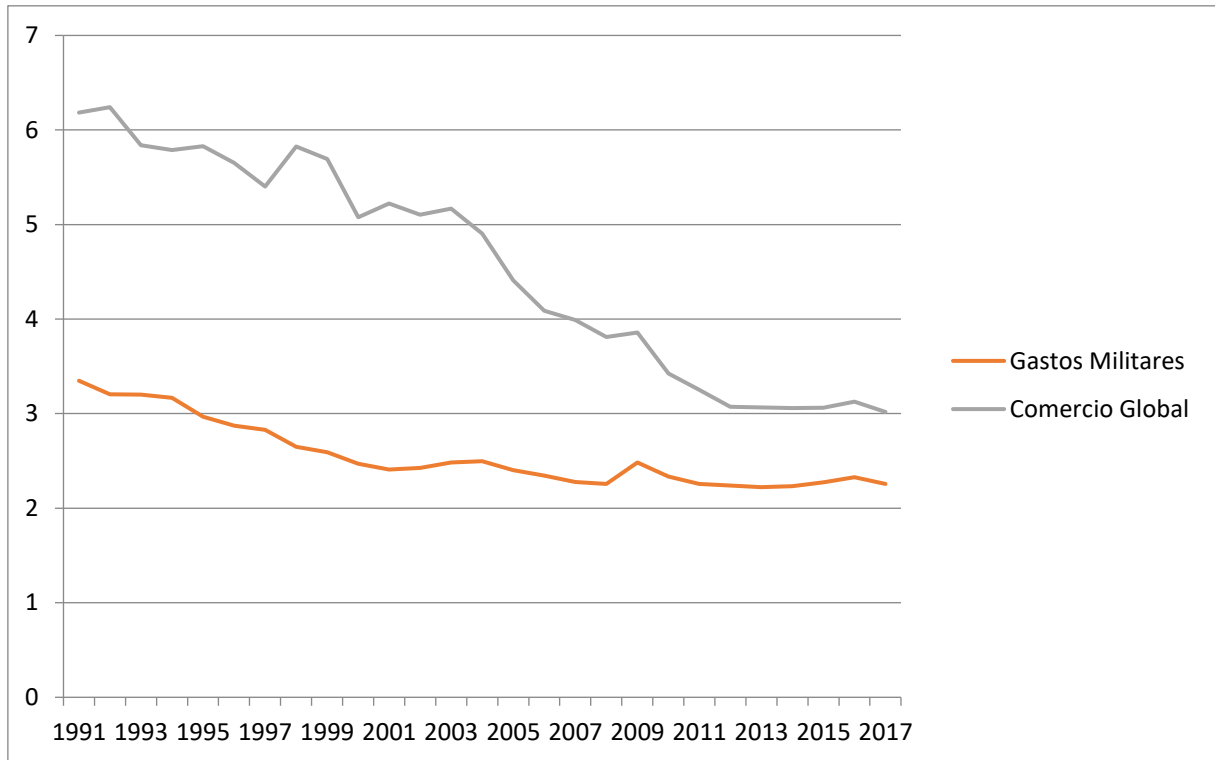
Em relação ao caso Francês (Figura 2), do Reino Unido (Figura 3)e italiano (Figura 4) há uma tendência de queda acentuada na participação do comércio global, que pode ser explicada devida a entrada de novos *players*, como a China, nessa dinâmica.A participação francesa era de 6,1% ao final da guerra fria em 1991 e passou para 3% ao final de 2017, o Reino Unido nessa mesma faixa temporal teve uma queda de 5,2% para 2,4% no ano, já os

⁷Gastos militares em proporção do PIB retirados do *World DataBank*

⁸ A *proxy* comércio global foi escolhida devido a ser a única com série histórica completa dentro da disponíveis no *World DataBank* para medir as forças econômicas. Variável obtida a partir da divisão do valor das exportações do país dividido pelas exportações mundiais.

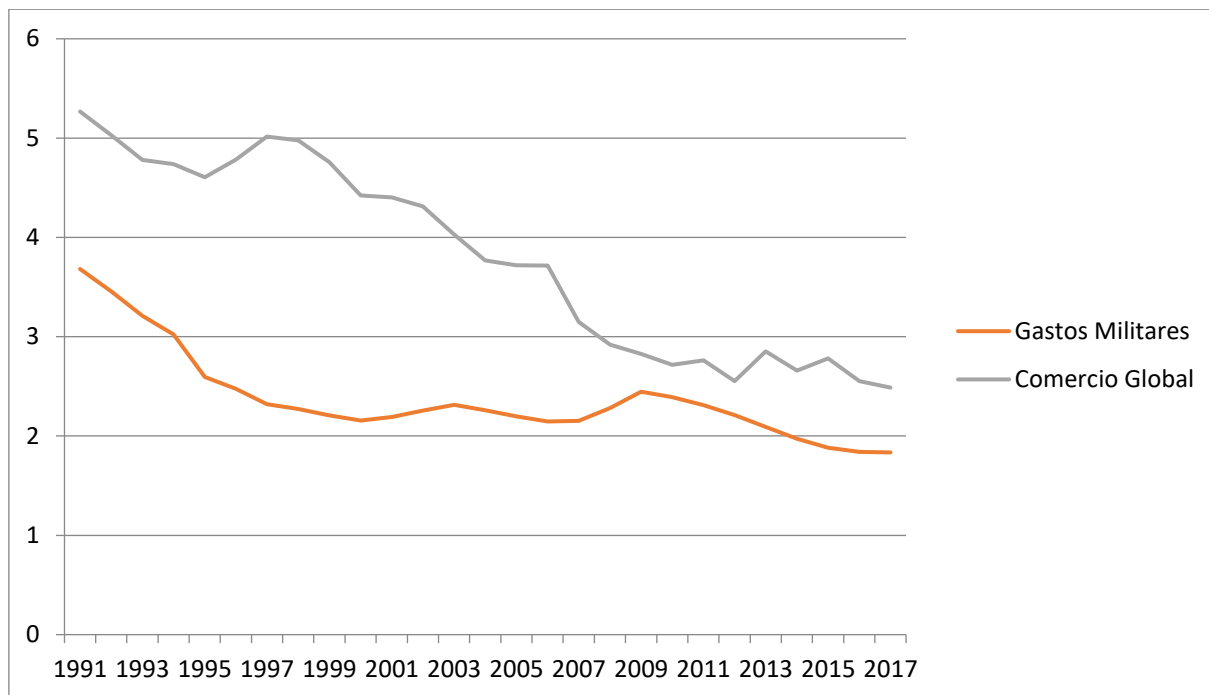
Italianos passaram de 4,8% para 2,8% neste mesmo período. Enquanto a China nesse mesmo período teve um aumento de 2% para 12% do comércio global.

Figura 9: Gastos Militares e Participação no Comercio Global em Proporção do PIB da França (1991-2017)



Fonte:Elaboração Própria
World DataBank – World DevelopmentIndicators.

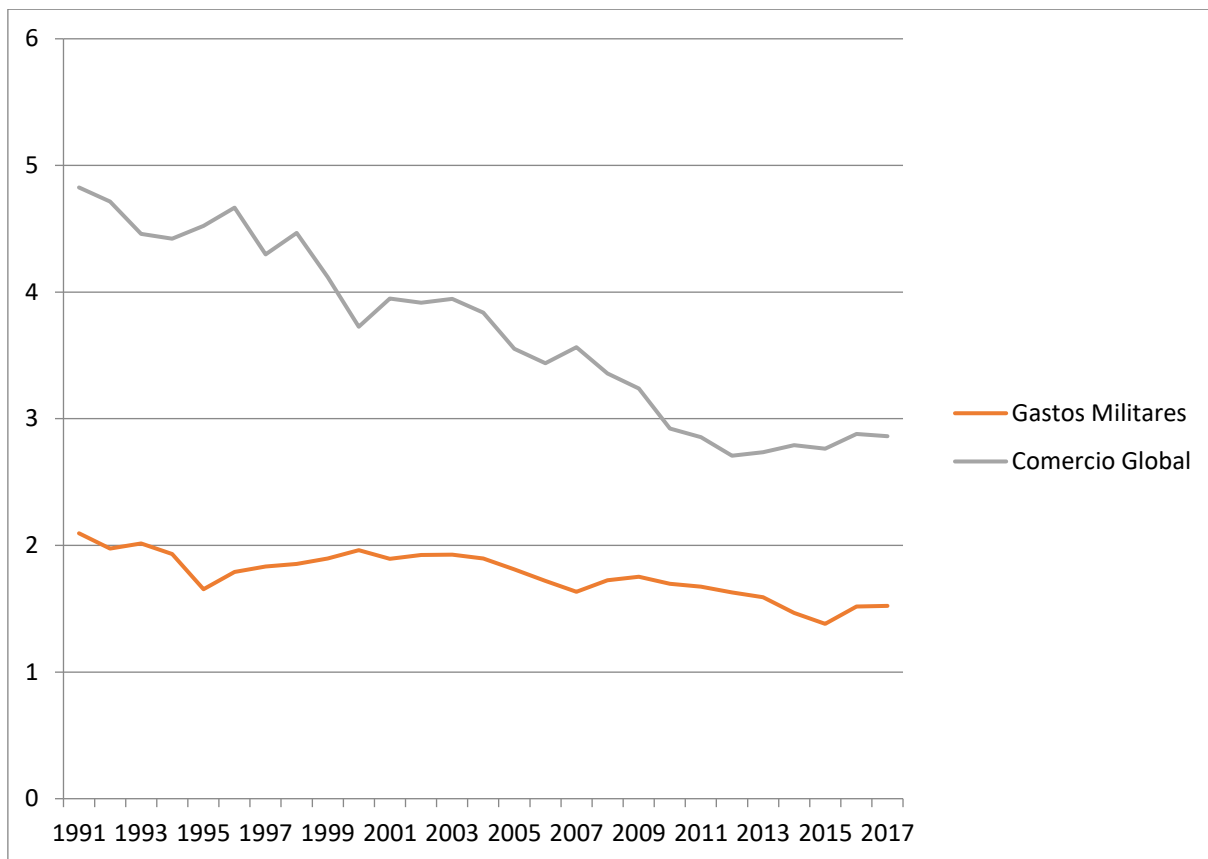
Figura 10: Gastos Militares e Participação no Comercio Global em Proporção do PIB do Reino Unido (1991-2017)



Fonte:Elaboração Própria
World DataBank – World DevelopmentIndicators.

Já no quesito gastos militares, nota-se uma tendência de queda que pode ser explicada pelos tratados armamentistas globais, assinados depois da participação do continente europeu nas duas grandes guerras mundiais, tendo em vista limitar as quantidades de armas afim de evitar novos conflitos. Além disso, o fato de os mesmos estarem sobre a égide de proteção dos EUA, o qual tomou para si ao longo da história moderna o posto de “xerife” global também contribuiu para a queda dos gastos militares. Como pode ser visto nas figuras abaixo:

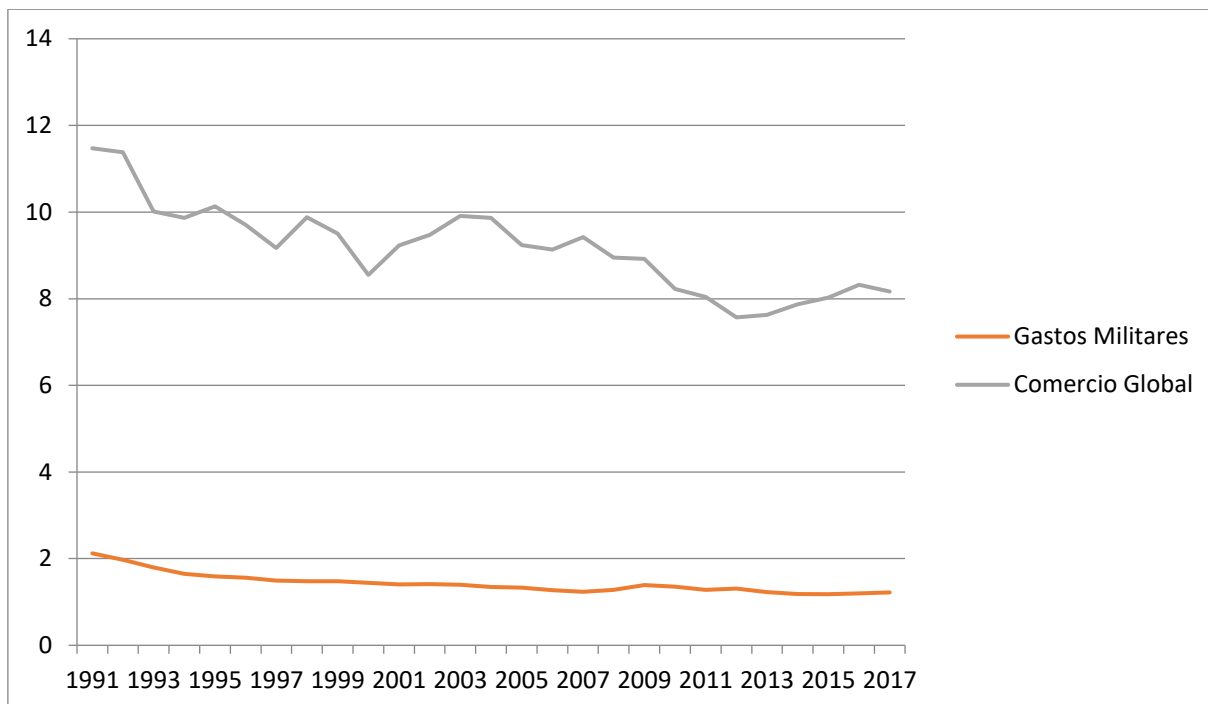
Figura 11: Gastos Militares e Participação no Comercio Global em Proporção do PIB da Itália (1991-2017)



Fonte:Elaboração Própria
World DataBank – World DevelopmentIndicators.

Já no caso alemão pode-se notar também uma queda na participação global do comércio, o qual pode ser explicado pelo mesmo motivo das anteriores, mas em relação aos gastos militares pode-se notar uma tendência linear, que pode ser explicada pela não participação dos alemães em guerras na atualidade, como pode ser visto na figura 5

Figura 12: Gastos Militares e Participação no Comercio Global em Proporção do PIB da Alemanha (1991-2017)



Fonte:Elaboração Própria
World DataBank – World DevelopmentIndicators.

Para continuação das comparações usaremos outros possíveis países que ameaçam de alguma forma a liderança norte-americana, como a China no quesito econômico e a Rússia no quesito bélico.

Dois fatores espetaculares marcaram o final do século XX e tiveram repercussões oceânicas sobre a economia, a política e a ideologia mundiais: o colapso da União soviética, com um “derretimento” de sua estrutura econômica e social, e a espetacular ascensão econômica da China, país que desde o pós-guerra afirmaram-se como os principais rivais e contestadores do mundo liderado pelos Estados Unidos. [...]. Nos anos iniciais do novo milênio o soerguimento político e econômico da Rússia, afirmação da China como um polo econômico de importância mundial e a aproximação estratégica entre os dois países vêm desafiando a afirmação de um mundo unipolar pretendido pelos neoconservadores americanos. (Fiori et all ,2008, p. 173)

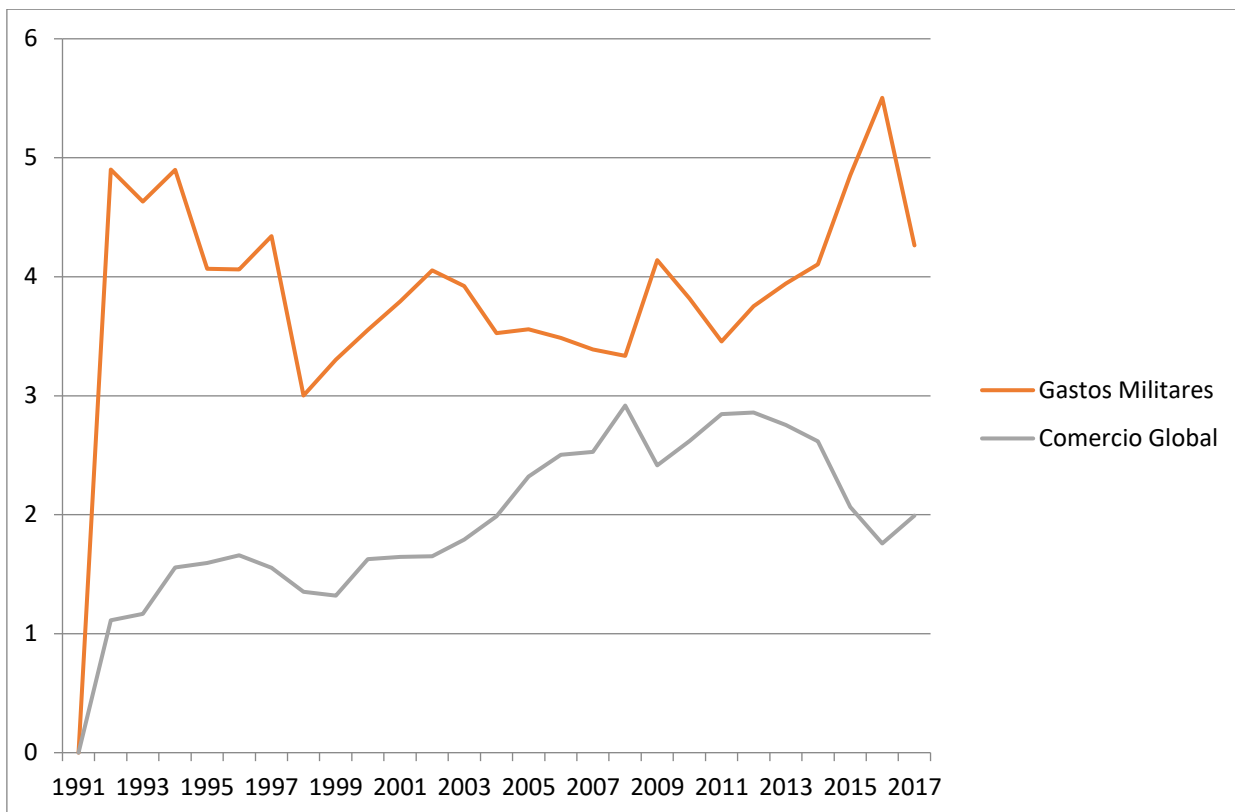
No caso Russo, pode-se observar que, em qualquer parte do recorte temporal trabalhado os gastos militares sempre superaram a sua participação no comércio global. Isso pode ser explicado pelo fato da economia Russa, após a queda da União Soviética, ter sofrido uma contração de 50% do seu PIB e ter passado de uma economia industrial integrada para

uma economia essencialmente produtora e exportadora de petróleo e gás. Isto é, a queda no intercâmbio comercial está associada “A ruptura radical russa, ao contrário, destruiu processos e meios de produção com uma velocidade maior do que a observada na criação de novas formas de propriedade.” (Fiori et all, 2008, p. 179)

Além dessa desarticulação, a menor importância da atual Rússia no comércio internacional se origina de sua baixa capacidade produtiva haja vista que, no período de “União Soviética ter revelado uma crônica incapacidade de evoluir de um sistema baseado no uso extensivo de insumos para um sistema centrado em inovações tecnológicas, o que teria resultado em seu baixo crescimento econômico” (Fiori et all, 2008,p.175)

O único setor de atividade no qual a mesma investiu maciçamente em tecnologias que foi o setor bélico. Isto é, desde seu período de União Soviética, a Rússia para se manter como potência hegemônica teve que investir maciçamente em sua indústria bélica, pois não conseguiria ser potência econômica, por não participar do mercado mundial ativamente, então a saída para conquistar seu status foi o uso das forças extraeconômicas, só assim a mesma conseguiria competir com o EUA e manter os países socialistas sob seu comando. Após sua queda enquanto União soviética, a Rússia se envolveu em diversos conflitos bélicos para a retomada de antigos territórios pertencentes a antiga União soviética, como a guerra da Transnístria (1992) e a guerra da Chechênia (1994- 1996), resultando na independência de ambas, o que justifica seu alto gasto militar, que pode ser visto na figura 6:

Figura 13: Gastos Militares e Participação no Comercio Global em Proporção do PIB da Rússia (1991-2017)



Fonte:Elaboração Própria
World DataBank – World DevelopmentIndicators.

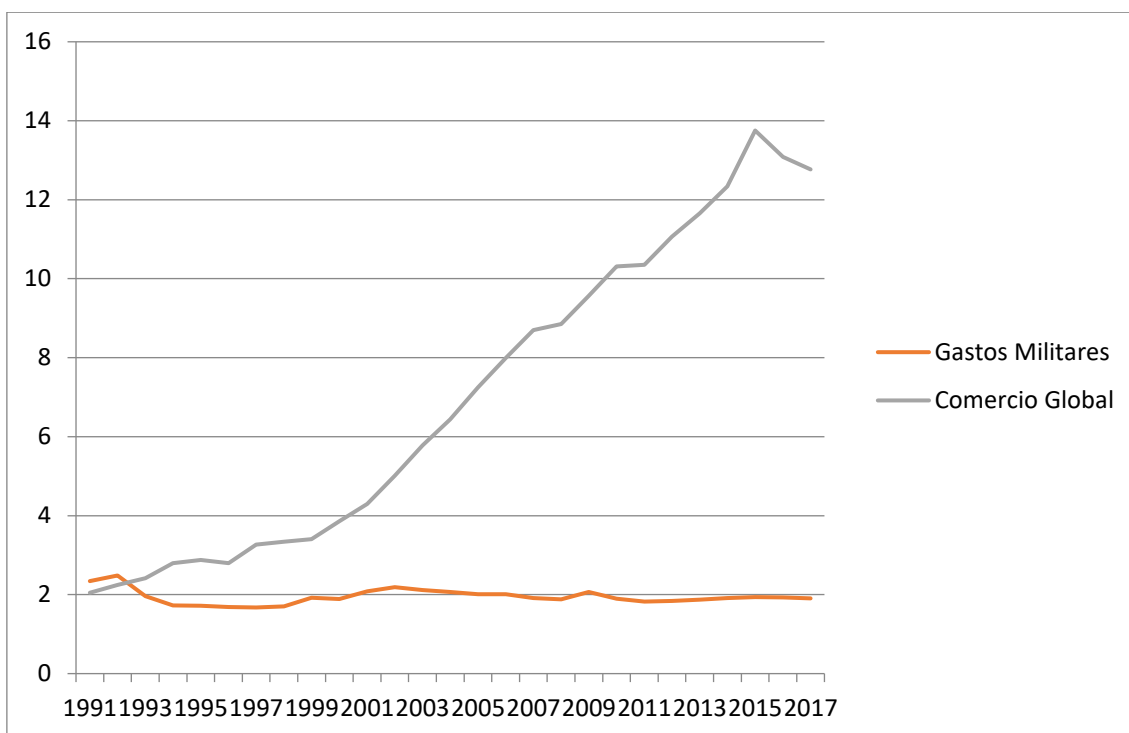
Observando o caso Chinês pode se verificar uma tendência de alto crescimento no comércio global e uma tendência linear no investimento bélico ao longo do tempo em estudo. Esse fator pode ser explicado pela forte entrada dos Chineses na economia global, devido a sua abertura ao mercado norte-americano⁹, com moeda desvalorizada aliada a uma mão de obra extremamente barata, o que levou a entrada de diversas multinacionais em solo chinês, esse quadro levou ao crescimento da economia, com altas taxas de crescimento de PIB ao ano.

Em contraste, para muitos, o sucesso da China teria sido resultado de uma decisiva virada para a economia de mercado no final dos anos 1970, revelando a superioridade intrínseca desta e as virtudes do capitalismo como uma máquina de crescimento através da modernização tecnológica. [...] Abertura ao mercado americano e os investimentos de suas corporações teriam sido a base do desenvolvimento chinês liderado pelo mercado. (Fiori et all, 2008, p. 176)

⁹ Nos referimos aqui aos investimentos norte-americanos na China e nas Regiões Administrativas Especiais (RAE) de Hong Kong e Macau.

A tendência linear bélica chinesa pode ser explicada segundo, Medeiros (2008), pelo fato de diferente de outros países asiáticos, por mais que tenha aberto sua economia ao EUA a mesma jamais abriu mão de sua estratégia de defesa autônoma, com capacidade militar independente. Esse investimento linear pode estar atrelado também, ao fato de a China não ter tido nenhuma participação expressiva em guerras na atualidade.

Figura 14: Gastos Militares e Participação no Comercio Global em Proporção do PIB da China (1991-2017)



Counterworld DataBank – World Development Indicators.
Elaboração Própria

Conforme as visões de Medeiros (2008) podemos ver os indícios da possível ameaça de Rússia e China para com o posto de líder dos EUA e as fundamentações dessas possíveis ameaças. Rússia devido ao atraso sofrido pela Guerra Fria focou em seu poderio bélico para se manter na dinâmica global, tentando se equiparar em termos bélicos aos EUA, e China devida a sua abertura ao capital americano, conseguiu galgar altas taxas de crescimento, 10% ao ano, o que fez com que a mesma se tornasse uma crescente potência econômica.

Dado os panoramas vistos anteriormente podemos ver que os países que mais destoam, no tocando dos gastos militares, são Estados Unidos e Rússia, sendo a segunda uma anomalia, devido ao fato de, ao final da guerra-fria, a mesma ter perdido seu posto de potência

global aliado a uma perda territorial, o que explica seu investimento em poderio bélico é em grande parte devido a retomada de antigos territórios sob a esfera soviética. Já no caso norte-americano não existe uma clareza neste investimento já que, por mais que tenha diminuído em alguns períodos, os gastos norte-americanos revelam-se bem altos quando comparados ao resto dos países estudados, com exceção da Rússia, o que remete diretamente a ideia do paradoxo do novo imperialismo exposto por Wood (2003), que será a temática da próxima sessão do capítulo.

Olhando as figuras, e com base no novo imperialismo, podemos observar que o país que mais corresponde ao perfil da teoria do novo imperialista e a China, que se vale de sua taxa de câmbio (uma forma de poder econômico) para aumentar suas exportações e com isso aumentar sua participação no mercado global, sem a necessidade de demonstrações de força extra econômica. Algo que não podemos afirmar dos EUA, que mesmo se valendo das forças puramente econômicas como será visto mais a frente, os gastos militares oscilam, mas eles ainda são altos em relação ao PIB norte americano, evidenciando a necessidade dos EUA em demonstrar seu poderio bélico para o mundo.

2.1.1 O paradoxo do novo imperialismo e a Guerra sem fim

A fase do novo imperialismo é a primeira vez na história da humanidade em que os Estados-nação não estão envolvidos em uma competição geopolítica e/ou militar direta, essa rivalidade foi “deslocada pela competição à maneira capitalista”. Contudo mesmo vivendo essa fase e com o término da guerra fria (momento de aumento exponencial dos gastos em indústria bélica), os EUA continuaram a investir maciçamente em armamento bélico. Isto é “[..] à medida que a competição econômica foi superando o conflito militar nas relações entre os principais governos, mais os Estados Unidos lutaram para se tornar o poder militar mais esmagador dominante que o mundo já viu.” (Wood, 2003, p.109)

Na visão de Wood (2003) esse quadro representa o que ela chama de paradoxo do novo imperialismo, pois nessa forma o poder militar não se vale para a conquista de novos territórios, nem para derrotar rivais e nem a dominação de rotas de comércio, mas mesmo assim continua a se investir nele, tornando-o cada vez maior e com maior alcance. Essa fase do imperialismo é a fase que há a menor necessidade de se utilizar o militarismo, porém é a fase que em termos bélicos se mostra o maior investimento e maior desenvolvimento.

A partir dessa visão a autora busca uma possível explicação para esse investimento bélico, por parte dos EUA. A razão de tal comportamento na necessidade Norte Americana de fazer demonstrações periódicas de poder, o que ela chama de “Guerra sem fim”, que seriam ações militares sem objetividade clara e sem a necessidade de determinação de tempo ou propósito. Conforme a autora, “A dominação ilimitada de uma economia global e dos múltiplos Estados que a administram exige ação militar sem fim, em propósito ou tempo.” (Wood, 2003, p.109).

Como pode ser vista no Quadro 1, existe uma tendência de ciclos de crescimento do investimento bélico norte americano que encontraria possível explicação na nova doutrina norte americana de guerra sem fim, pois logo ao ser instaurada, pós atentado de 11 de setembro, os investimentos bélicos dos EUA tendem a crescer passando dos US\$ 309,5 bilhões em 2001 para US\$ 705,2 bilhões até o ano de 2011. A partir de 2012 apresenta uma leve queda até o ano de 2016 onde volta a subir, observa-se que mesmo com essa tendência de queda, os gastos militares norte-americanos ainda são muito maiores do que os demais países em estudo, mostrando que por mais que, segundo Wood (2003), os EUA fosse detentora de quase 40% do poderio bélico mundial, o mesmo ainda necessitaria de grandiosos investimentos para não perder seu posto de líder global.

Quadro 1: Investimento militar em dólar americano constante (em milhões) (1991- 2017)

| Ano/País | EUA | Rússia | Reino Unido | China | Alemanha | Itália | França |
|----------|------------|-----------|-------------|------------|-----------|-----------|-----------|
| 1991 | 274.576,05 | | 41.216,27 | 9.750,66 | 38.710,48 | 23.839,36 | 41.831,77 |
| 1992 | 301.983,96 | | 40.353,07 | 12.291,80 | 41.531,65 | 24.743,68 | 44.656,24 |
| 1993 | 294.270,72 | 7.678,88 | 33.700,37 | 12.434,92 | 36.794,15 | 20.333,37 | 42.109,17 |
| 1994 | 285.501,36 | 13.427,58 | 34.187,26 | 9.961,35 | 36.007,71 | 20.182,73 | 43.998,36 |
| 1995 | 276.495,01 | 12.633,75 | 33.957,86 | 12.499,50 | 40.810,23 | 19.211,21 | 47.363,67 |
| 1996 | 269.806,49 | 15.732,43 | 34.286,29 | 14.476,83 | 38.758,53 | 23.302,99 | 46.128,09 |
| 1997 | 274.993,37 | 17.492,65 | 35.502,96 | 16.027,30 | 33.057,50 | 22.614,40 | 41.109,18 |
| 1998 | 274.647,27 | 7.966,44 | 36.915,92 | 17.551,59 | 33.191,08 | 23.509,77 | 40.095,05 |
| 1999 | 280.113,97 | 6.449,35 | 36.342,42 | 20.963,35 | 32.504,79 | 23.621,76 | 38.778,87 |
| 2000 | 298.587,36 | 9.133,09 | 34.891,44 | 22.693,42 | 27.859,84 | 22.180,19 | 33.465,73 |
| 2001 | 309.509,28 | 11.562,35 | 34.966,60 | 27.587,16 | 27.141,68 | 21.778,53 | 32.932,58 |
| 2002 | 355.617,62 | 13.900,73 | 39.536,97 | 32.038,42 | 29.242,56 | 24.287,80 | 36.291,43 |
| 2003 | 412.077,27 | 16.845,15 | 46.587,32 | 34.860,19 | 34.789,51 | 30.012,39 | 45.569,11 |
| 2004 | 457.764,08 | 20.643,71 | 53.167,51 | 39.752,48 | 37.442,26 | 33.608,74 | 52.218,56 |
| 2005 | 493.617,86 | 26.808,26 | 54.084,90 | 45.030,78 | 37.318,03 | 32.877,68 | 51.885,48 |
| 2006 | 518.184,56 | 33.897,93 | 56.450,73 | 54.343,77 | 37.408,34 | 32.808,22 | 53.537,11 |
| 2007 | 549.148,74 | 42.924,35 | 65.060,53 | 67.057,59 | 41.955,00 | 35.457,30 | 59.745,05 |
| 2008 | 616.621,46 | 55.775,88 | 65.143,04 | 85.735,09 | 47.732,36 | 40.944,20 | 65.530,21 |
| 2009 | 671.631,93 | 51.768,36 | 58.180,13 | 106.128,52 | 47.687,69 | 38.476,99 | 67.190,65 |
| 2010 | 698.180,00 | 58.720,23 | 58.082,85 | 115.711,78 | 46.255,52 | 36.032,29 | 61.781,75 |
| 2011 | 705.292,95 | 69.640,64 | 59.758,25 | 136.794,84 | 47.731,24 | 37.805,96 | 64.051,94 |
| 2012 | 680.100,31 | 80.912,65 | 58.095,91 | 156.314,79 | 46.153,30 | 33.502,23 | 59.624,88 |
| 2013 | 636.349,54 | 87.889,59 | 56.563,59 | 178.937,20 | 45.689,69 | 33.714,19 | 62.089,80 |
| 2014 | 605.900,26 | 84.139,13 | 58.793,39 | 199.450,96 | 45.799,28 | 31.364,67 | 63.194,94 |
| 2015 | 597.001,21 | 66.518,61 | 53.943,20 | 214.415,08 | 39.872,46 | 25.332,67 | 55.425,37 |
| 2016 | 600.865,18 | 69.332,86 | 48.179,78 | 216.304,42 | 41.632,07 | 28.241,51 | 57.430,93 |
| 2017 | 605.692,41 | 65.892,70 | 46.878,44 | 226.708,94 | 44.033,72 | 29.041,46 | 57.384,94 |

Fonte:Elaboração Própria
World DataBank – World Development Indicators.

Conforme mencionamos anteriormente, pós o 11 de setembro de 2001, os EUA necessitavam de uma “nova” forma de doutrina para com o mundo, pois segundo o mesmo, o inimigo agora não era mais uma nação ou coalizão de Estados, e sim um inimigo muito mais abstrato o terrorismo, que não tem uma nacionalidade e muito menos um território físico, o terrorismo poderia estar em qualquer lugar e os ataques virem de qualquer parte do globo. Com isso os EUA declara a sua “guerra ao terror” que seria uma guerra totalmente diferente das vistas até então.

Para Wood(2003) essa guerra ao terror representa um plano de guerra sem fim e sem restrição de tempo e/ou geográfica,devido a falta de especificidade do significado de que é terrorismo para os norte-americanos.Para ela essa nova doutrina rejeita qualquer noção de objetivo político claro e realizável,o que seria resultado direto da nova forma de império colocada pelos EUA.

Evidentemente, não há nada de novo no fato de os Estados Unidos recorrerem à ação militar para perseguir seus interesses imperiais e sustentar sua hegemonia econômica. Não é preciso lembrar que, desde a Segunda Guerra Mundial, o país se engajou em uma aventura militar depois da outra. Existe certo consenso entre alguns analistas de que os Estados Unidos têm sido uma potência global notavelmente relutante, pouco inclinada a usar sua força militar. Mas, apesar de certamente ser verdade que os Estados Unidos têm aversão a aceitar baixas entre suas próprias forças, isso não evitou intervenções militares regulares, incluindo não somente guerras importantes como na Coreia e no Vietnã, mas também incursões menores repetidas em outras partes do mundo, da América Central à África. (Wood, 2003, p.111)

Essas ações militares essa nova forma de doutrina divergia dá até,então, doutrina da “guerra justa”,que se baseia em certos pilares:necessidade de uma causa justa,necessidade de declaração por uma autoridade adequada,sendo a guerra o último recurso e a necessidade de chance razoável de se chegar ao resultado,com meios proporcionais aos fins.Mesmo com esses pilares essa doutrina ainda se mostrava adaptável e extremamente capaz de englobar todos os interesses dos países dominantes.Nesse sentido“A nova doutrina, apesar de invocar as tradições da guerra justa,pela primeira vez em séculos descobriu serem esses princípios insuficientemente flexíveis,e na verdade,os descartou.” (Wood,2003, p.112)

Até o momento do atentado de 11 de setembro as guerras norte americanas,diretas ou indiretas,se mantinham nos limites da guerra justa,pois as mesmas tinham ”uma causa justa,uma autoridade apropriada e intenções corretas,insistindo que não havia outro meio”,contudo após o atentado houve uma ruptura nesse sentido,pois a nova doutrina não exigia mais uma chance razoável de se chegar a um objetivo final e os meios não necessariamente seriam proporcionais ao objetivo final.

Existem duas razões pelas quais a nova doutrina de guerra enunciada por Bush e Blair viola o primeiro desses dois princípios. Está claro, é desnecessário dizer, que nenhuma ação militar teria sido capaz de livrar o mundo dos “malfeitores” de Bush. Quanto a isso, não se pode esperar que a “guerra contra o terrorismo” tenha alguma chance de dar fim ao terrorismo. Para dizer o mínimo, existe uma chance maior de ela agravar a violência terrorista. Nem a ação militar, com ou sem medidas humanitárias, têm a

capacidade de reordenar o mundo da maneira enunciada por Blair. (Wood, 2003, p.112)

A “guerra ao terror” não é a primeira experiência norte americana de guerra sem fim, outro exemplo é a “guerra contra as drogas”.

Durante o governo de Bush essa nova doutrina militar de guerra sem fim,tomou a forma de uma política de “intervenção defensiva”,onde os EUA se dava o direito de realizar ataques preventivos,a qualquer lugar do globo a qualquer momento sem nenhuma razão visivelmente definida,apenas pela ação de representar algum perigo futuro para o mesmo. ” Então é isto:guerra total e infinita – não necessariamente guerra contínua, mas uma guerra indefinida em termo de duração, objetivo, meios e alcance espacial.” (Wood,2003, p.114).

Desse modo, a forma como os Estados Unidos se coloca na arena global tende para uma figura que deseja garantir o poder por meio dos meios econômicos e extra econômicos, do que se limitar a uma escolha baseada em uma lógica puramente decorrente da magnitude da influência dos mercados sobre os países, já que todos são parte integrantes do mercado mundial, que é ampliada pela fase contemporânea do capitalismo. Dito isso, deve buscar um posicionamento mais compatível com as evidências empíricas apresentadas e que consiga responder de forma mais precisa o paradoxo posto, assim devemos recorrer a figura do líder global.

2.2 O líder global

Para Wood (2003) o sistema global se baseia em um sistema de múltiplos estados-nações em pé de igualdade, mas um sistema de múltiplos Estados gera por si próprio um problema, pois existe uma dificuldade em se manter a ordem em um sistema onde há muitas entidades nacionais, devido as diversas necessidades e pressões internas de cada Estado, de modo que para a administração desse sistema deve haver um único poder militar esmagador, que seja capaz de manter todos os outros sob seu controle. Nesse cenário surge a figura do líder global, que não poderia ser colocada em xeque, tanto no âmbito do poderio militar quanto no âmbito econômico. Porém esse poderio militar se mostra de forma passiva, pois não exige a necessidade de dominação territorial, nem de rotas de comércio, apenas exige a alusão de um poderio militar inquestionável. Esse líder seria os EUA no pós-guerra fria, pois ao sair vitorioso dessa guerra, assume a liderança nos dois parâmetros exigidos.

No tocante do militarismo, como pode ser visto no Quadro 2, o EUA investe muito mais em armamento bélico do que os demais países em estudo e indo de encontro do que Wood (2003) propõe sobre o tocando do líder global no mundo com Múltiplos-Estados.

Quadro 2: Exportações anuais de países selecionados: Estados Unidos, Rússia, Reino Unido, China, Alemanha, Itália, França (1991-2017) em milhões de dolares americanos

(US\$ Milhões)

| Ano/País | EUA | Rússia | Reino Unido | China | Alemanha | Itália | França |
|----------|-----------|---------|-------------|-----------|-----------|---------|---------|
| 1991 | 421.730 | | 184.964 | 71.910 | 402.843 | 169.465 | 217.100 |
| 1992 | 448.163 | 42.039 | 190.003 | 84.940 | 430.042 | 178.155 | 235.871 |
| 1993 | 464.773 | 44.297 | 181.381 | 91.744 | 380.096 | 169.229 | 221.619 |
| 1994 | 512.627 | 67.379 | 205.079 | 121.006 | 426.935 | 191.362 | 250.571 |
| 1995 | 584.743 | 82.419 | 237.953 | 148.780 | 523.461 | 233.766 | 301.162 |
| 1996 | 625.073 | 89.685 | 258.527 | 151.048 | 524.649 | 252.293 | 305.509 |
| 1997 | 689.182 | 86.895 | 280.406 | 182.792 | 512.891 | 240.414 | 302.144 |
| 1998 | 682.138 | 74.444 | 273.949 | 183.712 | 543.752 | 245.801 | 320.631 |
| 1999 | 695.797 | 75.551 | 272.167 | 194.931 | 543.539 | 235.564 | 325.526 |
| 2000 | 781.918 | 105.033 | 285.425 | 249.203 | 551.810 | 240.518 | 327.611 |
| 2001 | 729.100 | 101.884 | 272.715 | 266.098 | 571.645 | 244.490 | 323.379 |
| 2002 | 693.103 | 107.301 | 280.195 | 325.596 | 615.831 | 254.427 | 331.719 |
| 2003 | 724.771 | 135.929 | 305.627 | 438.228 | 751.560 | 299.333 | 392.039 |
| 2004 | 814.875 | 183.207 | 347.493 | 593.326 | 909.887 | 353.782 | 452.106 |
| 2005 | 901.082 | 243.798 | 390.860 | 761.953 | 970.914 | 373.135 | 463.428 |
| 2006 | 1.025.967 | 303.551 | 450.907 | 968.978 | 1.108.107 | 416.875 | 495.868 |
| 2007 | 1.148.199 | 354.403 | 441.831 | 1.220.456 | 1.321.214 | 499.882 | 559.612 |
| 2008 | 1.287.442 | 471.606 | 472.168 | 1.430.693 | 1.446.171 | 542.748 | 616.240 |
| 2009 | 1.056.043 | 303.388 | 354.893 | 1.201.612 | 1.120.041 | 406.909 | 484.781 |
| 2010 | 1.278.495 | 400.630 | 415.959 | 1.577.754 | 1.258.924 | 447.301 | 523.767 |
| 2011 | 1.482.508 | 522.011 | 506.570 | 1.898.381 | 1.473.985 | 523.258 | 596.473 |
| 2012 | 1.545.703 | 529.256 | 472.792 | 2.048.714 | 1.401.113 | 501.306 | 568.708 |
| 2013 | 1.579.593 | 521.836 | 540.616 | 2.209.005 | 1.445.067 | 518.268 | 580.963 |
| 2014 | 1.620.530 | 496.807 | 504.632 | 2.342.290 | 1.494.210 | 529.797 | 580.843 |
| 2015 | 1.502.572 | 341.419 | 459.633 | 2.273.468 | 1.326.206 | 456.989 | 506.264 |
| 2016 | 1.451.011 | 281.710 | 409.044 | 2.097.632 | 1.334.355 | 461.737 | 501.179 |
| 2017 | 1.546.273 | 353.548 | 441.106 | 2.263.346 | 1.448.190 | 507.418 | 535.188 |

Fonte:Elaboração Própria
World DataBank – World DevelopmentIndicators.

Já no tocante econômico, nos baseando nas exportações, podemos observar que a China obteve maior participação do mercado global superando os EUA, contudo a China se baseou em um modelo de exportações usando os EUA como mercado principal, o que

demonstra ainda mais a importância dos Estados Unidos, que excluindo a China, ainda tem a maior participação dentre os demais países, o que vai de encontro com as ideias de Wood (2003), onde os norte-americanos tem o domínio no campo bélico e uma queda de participação no campo econômico.

Por fim, vemos que uma perspectiva de um líder global ativo militarmente é necessária para responder as evidências empíricas postas, contudo não são condições suficientes para entendermos o uso extensivo da força militar fora da situação onde se verifica acumulação de capital. Apresentando uma perspectiva ainda insuficiente para explicar de forma plena a atuação americana. Para isso, deve-se recorrer a abordagem de Fiori, quanto as demonstrações periódicas de poder, e de Serrano, quanto as maneiras que o EUA tem para se valer do seu poder econômico, o que será discutido no próximo capítulo.

CAPITULO 3 - WOOD POR UMA NOVA ÓTICA

3.1 A controvérsia sobre o poder econômico dos EUA

Até então, caracterizamos a ideia do novo imperialismo e alguns problemas advindos dessa teoria. Um primeiro problema encontrado reside no paradoxo que envolve, apesar de tentar resolver o problema de uma forma preliminar com a ideia da “guerra sem fim”, que se mostra insuficiente, devida a falta de exposição teórica de como age as forças econômicas por parte dos EUA nos levando a buscar outras literaturas que a complementam. Com isso, o presente capítulo apresenta o debate entre Ellen Wood e outros autores, tais como Luís Fiori e José Serrano, acerca dos pontos principais para a resposta do paradoxo do imperialismo proposto pela mesma.

A segunda dificuldade se refere a falta de uma explicitação no trabalho de Wood dos mecanismos puramente econômicos do novo imperialismo. Wood (2003) em sua análise, sobre a necessidade do uso das forças econômicas em detrimento das forças extraeconômicas para o novo imperialismo, não demonstra com clareza as causas da liderança econômica norte americana, deixando a desejar em quais pontos os norte-americanos obtêm essas vantagens sobre os demais países do sistema econômico global, realizando uma análise muito superficial sobre a amplitude e o modo como a economia norte-americana afeta as demais, e o quanto essa força econômica pode ser ou não forte para que os EUA abram mão totalmente das forças extraeconômicas.

Tendo em vista apontar alguns desses elementos, utilizamos o trabalho de Serrano (2008) sobre o poder econômico norte-americano. O referido autor defende a tese de que mesmo com a ascensão de novos competidores, como a China, o poder econômico dos EUA não tenha entrado em colapso. Para ele, muitos autores interpretam de forma simplista o poder econômico norte americano. Trazendo em seu trabalho dois pontos como pilar: o déficit comercial e o poder do dólar.

3.1.1 O déficit Comercial Norte Americano

Para tratar desse ponto, Serrano (2008) ressalta a visão, que ele julga ser simplista para explicar o déficit comercial norte americano, segundo a qual, “qualquer economia que tenha um déficit comercial (e de serviços não fatores) externos está por definição consumindo e investindo mais que produzindo (Fiori et all, 2008, p.78)”. Para o autor, o equívoco desse ponto de vista está no pressuposto de que só existe um motivo para tal déficit, quando a economia não tem capacidade produtiva agregada suficiente para atender a demanda agregada.

Em sua visão, interpretar que o déficit externo dos Estados Unidos é resultado de um excesso de demanda não se adequa a realidade, pois o crescimento da economia norte americana é limitado pela demanda agregada. Conforme o autor, embora os Estados Unidos tenham seguido uma política orçamentária heterodoxa ao longo dos últimos anos, aumentando os gastos em relação à receita, especialmente após o 11 de setembro, a política fiscal expansionista não foi a responsável pelo déficit público. Nas palavras do autor:

O crescimento da demanda no período se explica em parte pela política fiscal. Muitos autores consideram que a política fiscal americana nos anos 2000 foi extraordinariamente expansionista. O governo passou de um superávit fiscal (que chega a um pico de 1,93% do PIB no primeiro trimestre de 2000) para uma situação de déficit fiscal, que atinge 5,48% do PIB no terceiro trimestre de 2003. Talvez a política fiscal tenha sido menos expansionista do que os números do déficit público podem nos fazer pensar. Sem dúvidas a política fiscal se tornou mais expansionista a partir de 2001, especialmente depois do terrível choque causado pelos ataques terroristas de 11 de setembro. Os gastos totais do governo (civis e militares) cresceram a uma média de 2,3% ao ano entre 2001 e 2007 com a “guerra contra o terrorismo”, enquanto nos anos 1990, com “o fim da guerra fria”, os gastos públicos haviam crescido apenas 1,2% ao ano. (Fiori et all, 2008, p.82)

Mesmo com o governo americano seguindo uma política de aumento da demanda agregada, a desaceleração econômica parece ter tido efeito final que prevaleceu sobre o aumento da participação do governo. Tendência reforçada pela forte desaceleração da economia desse país no final de 2007, cujo resultado foi uma baixa taxa de crescimento médio, tanto da demanda agregada quanto da economia. Como repercussão das menores taxas de expansão do produto, elemento ligado estritamente às características domésticas da economia norte americana, evidencia-se uma:

[...] substancial da diminuição relativa da arrecadação vem da queda endógena da arrecadação, que é resultado da própria desaceleração do crescimento econômico. Além disso, um fator pouco enfatizado, mas que parece ter tido grande importância tanto para explicar os substanciais superávits fiscais no final do governo Clinton quanto à rápida passagem para grandes déficits na administração de George W. Bush foi a imensa bolha especulativa nas bolsas de valores americanas que começa a crescer em 1995 e estoura em 2000. As receitas de impostos sobre ganhos de capital cresceram muito com o boom da bolsa e caíram dramaticamente com seu final, antes dos pacotes de corte de impostos. (Fiori et all, 2008 p.82-83)

Com isso, a causa do déficit não é o aumento dos gastos, mas a queda da arrecadação. No âmbito doméstico, a economia norte americana está em desaceleração enquanto pode-se ver uma política fiscal do governo expansionista que mostra o importante papel do governo para a sustentação da demanda agregada. De forma sucinta, o déficit do governo norte americano permite continuar os seus gastos em um ritmo que impeça uma queda brusca na demanda, justamente em um cenário de baixo crescimento.

Quanto a repercussão internacional, a postura deficitária do governo para a sustentação da demanda agregada apresenta efeitos marcantes. A capacidade dos EUA emitir a moeda de referência internacional em um padrão dólar flexível faz com que seus déficits sejam virtualmente ilimitados, pois um aumento da dívida externa financia o aumento das demais potências graças ao grande mercado norte americano.

Para Serrano (2008), em relação a segunda metade do século XX, nas primeiras décadas do XXI ocorreu a abertura da economia norte americana, que levou a um aumento tanto das importações, quanto das exportações dos EUA, gerando duas consequências: a primeira representa um efeito negativo sobre o crescimento da economia norte americana, devido altas taxas de desemprego e ao baixo crescimento dos salários nominais. O segundo efeito foi o crescimento das exportações como proporção do PIB, tornando-as um importante elemento da demanda agregada, de modo que, as flutuações da economia internacional -no período da crise econômica mundial e na posterior recuperação – interferem mais diretamente nas taxas de expansão interna do país. Note-se que, mesmo com ambos os movimentos pode ainda haver um saldo positivo, somente no caso de existir um aumento da demanda importada, aliado a um forte aumento nas taxas de exportados.

O problema do déficit da economia norte americana, portanto, não é resultado do crescimento excessivo do consumo agregado ou da falta de poupança por parte da economia, e sim da necessidade de sustentar o crescimento do consumo causado por uma expansão do

crédito e do endividamento das famílias mais pobres. A ideia de insuficiência de poupança só seria válida em condições de plena utilização da capacidade produtiva, logo a economia americana não teria condições de atender ao volume agregado de sua demanda, o que em termos reais não se prova ser verdadeiro (SERRANO, 2008).

Nesse sentido os EUA financiam os investimentos globais através de seu déficit, onde ele aumenta seus gastos, elevando a renda e a demanda agregada, que, por sua vez crescendo as importações. Com isso faz o capital global girar, pois o mercado americano consegue absorver grandes quantidades de produto.

Seguindo essa linha de pensamento temos também a questão cambial que por ser feita no padrão dólar faz a concorrência mundial dos produtos se tornam desbalanceada, pois, os países nos quais as moedas não alteram, ou quase não modificam seus valores em relação ao dólar acabam levando as empresas a deixar seus preços no padrão dólar, visando não perder suas fatias tanto no mercado norte americano, quanto global. A partir disso, mesmo com desvalorizações bruscas do dólar não há uma diminuição das importações norte americanas, mesmo melhorado o déficit graças ao aumento das exportações. “Por isso, as desvalorizações do dólar tendem a aumentar a taxa de crescimento dos Estados Unidos em relação a seus parceiros comerciais, que perdem parcelas do mercado mundial para os produtores dos Estados Unidos.” (Fiori et al,2008, p.129)

Os mecanismos de interferência dos EUA na dinâmica da economia mundial, acima descritos, podem ser consideradas formas de dominação econômica e, portanto, elementos que são importante para que de fato haja um imperialismo puramente econômico, de modo que “a hegemonia imperial no mundo do capitalismo global significa, então, controlar economias e Estados rivais sem precisar guerrear com eles.” (WOOD, 2003, p.)

Olhando pelo lado econômico, percebeu-se que para Wood (2003) as forças de mercado agem de maneira independente ao desejo norte americano, o que levando como base o trabalho de Serrano (2008) podemos ver que não acontece desse jeito, já que os EUA conseguem controlar o mercado mundial através de imperativos de mercado. Mesmo sendo o maior devedor do mundo os EUA conseguem de forma única, controlar a forma como essa dívida será paga, e isso se explica em grande parte graças ao domínio norte americano sobre a presente moeda corrente global, justamente todas as moedas globais na atualidade são equiparadas ao dólar.

3.1.2 Estrutura Financeira Norte-Americana e Impactos Globais

Na dita “nova ordem mundial”, os países emergentes como a China, além de terem um baixo nível de desenvolvimento de seus mercados financeiros, teriam uma grande propensão a poupar, e com isso para manter seu capital girando e rendendo, aplicariam pelo mundo, tendo grande enfoque em investir no EUA em detrimento de outros países. Essa preferência se deve ao fato de os mercados financeiros norte-americanos serem mais líquidos e bem regulamentados. Esse fator está aliado ao fato da moeda norte americana ser a moeda chave do mundo inteiro, isso faz com que os ativos norte-americanos sejam os ativos de maior liquidez, principalmente os títulos da dívida pública interna assim: “seria essa grande oferta de poupança externa que explicaria por que até agora não houve uma brutal e descontrolada desvalorização real do dólar, apesar dos déficits em conta corrente crescente dos Estados Unidos” (Fiori et all,2008,p.112).

Uma das principais estratégias de desenvolvimento seguida pelos países emergentes, em meados dos séculos XXI, foi o desenvolvimento baseado no crescimento focado em exportações para os países desenvolvidos, com isso a competitividade externa seria o pilar de desenvolvimento. Esse fator explica o movimento dos países a manter as suas taxas de câmbio desvalorizadas, o que leva a um acúmulo nas reservas externas de dólar por parte dos mesmos.

Na passagem, Serrano (2008) torna evidente o que Wood (2003) chamaria de mecanismo de mercado, mais especificamente referente ao mercado financeiro, que seria utilizado pelos EUA como forma de força puramente econômica:

Segundo os economistas do Deutsche Bank, os Estados Unidos têm uma reputação merecida de desapropriar os ativos nos Estados Unidos de governos estrangeiros quando estes tomam medidas que são consideradas contra os interesses americanos. Assim é para mostrar aos investidores internacionais que não é do interesse econômico do país emergente qualquer tentativa de dar um calote ou qualquer atuação econômica ou política contra os investidores externos estrangeiros que este país decide ser credor líquido externo dos Estados Unidos. Neste caso, sendo o país emergente, por definição, perderia mais com a desapropriação de seus ativos externos do que poderia ganhar se apropriando dos ativos estrangeiros ou dando calote em sua dívida externa (Fiori et all,2008, p. 118)

Mesmo com a baixa remuneração dos títulos norte-americanos em comparação aos demais países, e havendo déficits externos contínuos, ainda há um crescente fluxo de capitais para o mesmo. A explicação mais corriqueira se baseia na visão dos EUA ser o “setor

financeiro do mundo”, ganhando no *spread* bancário entre os fundos captados no curto prazo e investidos a longo prazo no mercado internacional, que é perpetuado pelo risco maior dos empréstimos de maturação mais longa. Cabendo ressaltar que por deter o poder de emitir a moeda internacional, o mesmo age como banco do mundo, “que todos seus passivos externos são denominados em dólar e que controlam unilateralmente as taxas de juros de curto prazo nesta moeda.”(Fiori et al,2008, p.126).

Nesse sentido os EUA criam um caso singular, onde ele mesmo condiciona a sua própria taxa de juros, pois a remuneração dos passivos externos financeiros são todas atreladas a trajetória das taxas de juros determinadas pela política monetária norte americana e remunerada na própria moeda do mesmo. (SERRANO, 2008)

Por essa ótica, a explicação de Serrano (2008) quanto à influência do poder de mercado norte americano se mostra mais completa acerca do comportamento da economia americana na atualidade, fazendo uma breve releitura histórica das condições para a ascensão e diminuição desse poder. Enquanto Wood (2003) apenas afirma que os EUA asseguraram sua posição enquanto líder após a sua saída vitoriosa na guerra fria, Serrano (2008) faz um maior contraste como pode ser visto na passagem abaixo:

Dentro de uma perspectiva de mais longo prazo, é compreensível que tenha havido esta redução de poder em relação a condição do início dos anos 1990, quando os Estados unidos eram os vitoriosos da guerra fria. Até certo ponto, essa redução relativa de poder econômico americano é análoga a que ocorreu entre o fim da segunda guerra mundial e o início dos anos 1970, redução esta que, aliás, também difundiu a época o mito da iminente superação da supremacia econômica e política americana. Por outro lado, desta vez, ao contrário do que aconteceu no pós-guerra, a redução relativa do poder americano não foi engendrada nem incentivada por Washington. A redução relativa de poder econômico dos Estados Unidos desta vez veio em grande parte dos países que resistiram ou se afastam parcialmente dos projetos de Washington. (Fiori et al, 2008, p.165)

A partir da exposição de ideias apresentada até o momento, nota-se que Wood(2003) apresenta a ideia do novo imperialismo, sem se preocupar em apresentar como o poder econômico dos EUA se comporta para o resto do mundo, apenas se foca em procurar a ressignificação do poder extraeconômico.

Fazendo-se necessário uma avaliação da visão de Serrano(2008) para complementar essa visão, visto que apesar da entrada de novos *players* no mercado mundial, como a China e a Rússia reestruturada, e mesmo perdendo uma parcela de mercado, os EUA ainda detém os meios necessários para se afirmar como principal potência econômica, o que reafirma a visão

de Wood (2003) do paradoxo do novo imperialismo, já que mesmo detendo esse poder econômico o mesmo ainda investe em poderio bélico e não abre mão das forças extra econômicas.

Para Wood (2003), dado o paradoxo do novo imperialismo, esse poder puramente econômico necessita do uso das forças extra econômicas devido a dinâmica de múltiplos Estados, pois cada um desses Estados é, em teoria, autossuficiente, independente, e participa da dinâmica do comércio global, logo as potências subordinadas se tornam, vulneráveis aos imperativos e as leis de mercado. Por isso, a autora apenas se foca em mostrar que o poder militar vem de forma reconfigurada como um poder coercitivo, o colocando como essencial para a liderança de um país nessa nova fase de múltiplos-Estados.

Com isso, ela desconfigura o que ela julga ser primordial para a base do seu “novo imperialismo”, que é a não necessidade do uso das forças extra econômicas, ao passo que se foca em mostrar que os EUA mais do que nunca se vale dela nessa nova fase, como será visto na próxima sessão.

3.2 A guerra sem fim e as demonstrações periódicas de poder

Como dito anteriormente, a doutrina da “guerra sem fim” é um dos pontos centrais da tese de Wood (2003), pois ela a usa como justificativa dos gastos militares, já que responde diretamente às necessidades particulares do novo imperialismo, que seria o “controle” por meio das demonstrações de poder num mundo globalizado e de múltiplos-Estados, onde os imperativos de mercado se tornam ilimitados, podendo atingir qualquer parte do globo, deixando as fronteiras físicas de lado, como pode ser vista na passagem abaixo:

Somos informados de que a guerra sem fronteiras é uma resposta a um mundo sem fronteiras, no qual Estados-nação não são mais os principais jogadores e adversários não estatais e o “terroristas” passaram a ser a grande ameaça. Esse argumento tem certa simetria atraente, mas não sobrevive a um exame cuidadoso. O perigo do terrorismo, mais que qualquer outra ameaça de força, resta a uma oposição militar esmagadora – não apesar de, mas por causa da inexistência de Estado, e, de qualquer maneira, a “guerra contra o terrorismo” há de promover mais ataques terroristas do que os evitar. A ameaça de inimigos não estatais é incapaz de explicar a concentração desproporcional de forças militar dirigida a um objetivo não identificável. (WOOD,2003 p.116)

Fiori (2004), que trabalha de forma mais completa às intervenções militares norte americanas ao longo do tempo, deixa mais clara uma ideia que Wood (2003) julga ser opaca. Para ele, essa doutrina pode ser vista na passagem abaixo:

E foi isto que aconteceu entre 2001 e 2003, depois de uma década em que o mundo experimentou a possibilidade e o limite de um possível império mundial. Foi o momento em que os Estados Unidos definiram seu novo inimigo bipolar, e propuseram uma parceria estratégica global, com todas as grandes potências, para combater o “terrorismo internacional”. O problema é que o terrorismo é um inimigo que não se identifica com nenhum estado, não tem território e não estabelece nenhum tipo de complementaridade econômica com seu adversário. Ele é universal e ubíquo, um inimigo tipicamente imperial, da humanidade, e não de algum estado em particular. Aceitá-lo significa entrar numa guerra em que os Estados Unidos definem, a cada momento, quem é e onde está o adversário, numa guerra que não terá fim e que será e cada vez mais extensa, uma guerra permanente e “infinitamente elástica”. (Fiori,2004, p.36)

Portanto, essa doutrina se reinventa ao longo dos tempos, pois, a própria definição do inimigo mudou com o tempo, algo que Wood (2003) também explicita ao dizer que , “guerra ao terror” não é a primeira experiência norte-americana de guerra infinita, tendo outras ao longo da história, como a “guerra às drogas”.

Primeiro foram as "redes terroristas"; depois, o "eixo do mal", constituído pelo Iraque, Irã e Coréia do Norte; e, finalmente, os "estados produtores de armas de destruição de massa", categoria que inclui – neste momento – quase todos os aliados americanos na guerra do Afeganistão e do Iraque. (FIORI, 2004, p.36)

Neste sentido, ambos afirmavam que devido à falta de objetividade, pois qualquer justificativa poderia caber como ameaça, como a nuclear, cibernética, biológica entre outras, os EUA poderiam escolher as suas guerras. Wood (2003) se embasa na teoria de que os EUA ao final da guerra fria se colocam no lugar de “xerife” global podendo, então, realizar qualquer tipo de ataque a qualquer lugar do globo de forma preventiva, ao sentir qualquer tipo de ameaça ao seu posto de líder global.

Agora o adversário não é “um princípio, uma religião uma ideologia, uma nacionalidade, uma civilização ou um estado, e pode ser redefinido a cada momento pelo próprio Estados Unidos, sendo, portanto, variável e arbitrário.” (FIORI,2004, p.36). O autor afirma que, os EUA se reservam o direito de realizar ataques preventivos contra qualquer Estado que julgue ser uma ameaça a sua soberania imperial.

Os dois autores deixam clara a ideia de que os EUA necessitam mostrar periodicamente seu poder para desestimular qualquer tipo de ameaça. Apesar de, como já visto anteriormente, devido às dinâmicas de mercado totalmente baseadas na economia norte americana, os Estados Unidos dispõe de mecanismo que não são extra econômicos para manter outros Estados sobre sua influência, sem a necessidade de se realizar pela força, o que reafirma a ideia da existência do paradoxo do novo imperialismo.

3.2.1 O Estados Unidos e suas demonstrações periódicas de poder

Segundo Fiori (2004), ao final da Guerra-Fria, as grandes potências mundiais mesmo reconhecendo a grande superioridade do poder militar e econômico norte americano não estabeleceram entre si nenhum acordo de paz ou criação de normas e padrões sobre o funcionamento do novo sistema internacional. Segundo o mesmo, antes que as grandes potências pudessem estabelecer qualquer tipo de acordo, os EUA agiram de forma a fazer sua primeira demonstração de poderio militar pós-guerra Fria, a Guerra do Golfo em fevereiro de 1991, que acabou se impondo a todas as demais negociações.

O bombardeio ao Iraque em 1991 foi de fundamental importância para aos EUA, pois mostrou ao mundo quem seria o novo “poder soberano” na dinâmica internacional. E dessa vez não haveria nenhuma outra potência com poder nem militar muito menos econômico com capacidade de o questionar.

Olhando pela ótica da política externa Norte Americana da época, Fiori (2004) estabelece uma linha de pensamento, a qual o mesmo afirma que é passada de presidente para presidente, começando por George W Bush (o pai), que fez uma proposta a comunidade mundial, a qual estabeleceu uma parceria entre as nações que iria transcender as divisões da Guerra Fria, com o intuito de aumentar a democracia, a paz e a reduzir as armas. O seu sucessor, Bill Clinton, seguiu a mesma linha apresentada por Bush (o pai), com a proposta de expandir e fortalecer a comunidade mundial e as democracias baseadas no mercado.

Para Fiori (2004), a era Clinton ficou conhecida como uma época na qual o governo americano acreditou no poder pacífico dos mercados e na força econômica convergente da globalização, contudo essa visão só se provou verdadeira desde que se respeitassem as regras do novo império. Já que nesse mesmo período ocorreram fatos como: “os ataques à Somália em 1992/1993; o bombardeio da Bósnia nos Bálcãs, em 1995; o bombardeio do Sudão em 1998; a guerra do Kosovo, na Iugoslávia, em 1999; e o bombardeio quase constante ao Iraque,

entre 1993 e 2003.” (FIORI,2004, p. 30). O que evidencia que mesmo em um período de “paz”, o EUA ainda necessita demonstrar periodicamente seu poder.

Com o término do governo de Clinton e com o começo do governo Bush (o filho), há uma mudança na dinâmica da política externa norte americana onde, segundo Fiori(2004), a linguagem bélica e a procura por inimigos tanto interno como externos, voltou a ser temáticas centrais no EUA, de forma a ser explícito o direito unilateral norte americano de intervenções militares preventivas em qualquer lugar do globo. Como pode ser visto na passagem abaixo:

Quando se olha desta perspectiva, se compreende melhor a lógica geopolítica da ocupação americana dos territórios que haviam estado sob influência soviética, depois de 1991. Começou pelo Báltico, atravessou a Europa Central, a Ucrânia e a Bielorrússia, se transformou em guerra nos Balcãs; e depois de confirmada a aliança com a Turquia, chegou até a Ásia Central e o Paquistão, com a guerra do Afeganistão; e até Bagdá e a Palestina, com a última guerra do Iraque. (FIORI, 2004, p. 31)

Ao final dos anos 1990, o poderio bélico norte americano havia assumido o papel de infraestrutura coercitiva para um novo tipo de “império militar mundial”, ao passo que a globalização financeira universalizou a moeda e o capital financeiro norte americano. A partir dessa visão, ele constrói uma tese que a Guerra do Iraque envolveu todas as grandes potências, pois, foi nela que os Estados Unidos e a Inglaterra deixaram as claras a proposta de reorganização do sistema político mundial. Com os EUA deixando bem explícito que sua nova doutrina de ataques preventivos visava impossibilitar o surgimento de alguma nação ou aliança de nações que pudesse rivalizar como mesmo. (FIORI, 2004)

A guerra do Iraque serviu centralmente, para o EUA demonstrar claramente que ainda mantinha a dianteira tecnológica e poderio militar inquestionável em relação ao resto do globo. Na passagem abaixo, podemos ver no discurso de Fiori (2004) o que Wood (2003) chama de demonstrações periódicas de poder.

Uma vez que os Estados Unidos se propõem arbitrar isoladamente a hora e o lugar em que seus adversários reais, potenciais ou imaginários devam ser “contidos”, através da mudança de regimes e governos, através da “mão invisível dos mercados” ou da intervenção militar direta. Às vezes por motivos humanitários, às vezes com objetivos econômicos e às vezes com o objetivo puro e simples de reproduzir e expandir o poder americano. (FIORI,2004, p. 33)

Em seu trabalho, Fiori (2004) faz uma revisão histórica dessas demonstrações periódicas de poder norte americano começando por 1991, quando Estados Unidos, Inglaterra e mais 28 países se juntaram para vencer a Guerra do Golfo e derrotar o Iraque, realizando bombardeios aéreos contínuos ao território inimigo, mesmo com a guerra já tendo sido vencida. Contudo, mesmo realizando esses ataques não conseguiram conquistar Bagdá ou depor Saddam Hussein, evidenciando a falta de objetividade nos ataques realizados. “Entre 1991 e 2003, os Estados Unidos e a Inglaterra bombardearam o território iraquiano, de forma quase contínua, mas não conseguiram atingir e mudar o regime político, nem liquidar o aparato militar de Saddam Hussein.” (Fiori, 2004, p.33), novamente deixando claro a falta de sucesso nas incursões norte-americanas ao país.

Já em 1999, colocando uma nova roupagem a suas demonstrações de poder, o EUA junto com as tropas da OTAN, realizaram a “intervenção humanitária” no Kosovo, bombardeando e destruindo a economia iugoslava, porém, dessa vez, os EUA assumiu a administração direta da província, mas não obteve sucesso em reorganizar o país e nem em eliminar os conflitos étnicos no mesmo, usados como base para justificar a ocupação.

No ano de 2002, o Estados Unidos conseguiu derrotar e depor o governo do Afeganistão, porém, sem muita efetividade pois os “os senhores da guerra” e o talibã conseguiram retomar o controle de quase todo o país. No ano de 2003, onde os Estados Unidos e a Inglaterra venceram a Guerra do Iraque, conquistando Bagdá e destituindo Saddam Hussein. Com isso fica evidente que as demonstrações periódicas de poder de Wood (2003), não são algo novo na história, como pode ser vista na passagem abaixo:

Evidentemente, não há nada de novo no fato de os Estados Unidos recorrerem a ações militares para perseguir seus interesses imperiais e sustentar sua hegemonia econômica. Não é preciso lembrar, que desde a Segunda Guerra Mundial, o país se engajou em uma aventura militar depois da outra. (Wood, 2003, p. 111)

Para Fiori (2004), não há a dúvida que os EUA irão enfrentar dificuldades de manter seu controle global no campo político e econômico, mas não há sinais econômicos ou militares que justifiquem a possível perda do seu posto como líder global. Usando a relação entre Estados Unidos e China: complementar e competitiva. Onde ambos são parceiros econômicos, já que a China baseou seu processo de desenvolvimento econômico em exportações para os EUA, e até o presente momento os norte-americanos ainda são os maiores

parceiros comerciais dos Chineses, e os Estados Unidos se vale fortemente da mão de obra mais barata dos chineses.

Segundo Fiori (2004), neste momento, os EUA não têm mais como se desfazer economicamente da China, porém em um certo momento terão que bloquear o movimento expansivo da China, temendo que esse movimento não seja mais econômico e sim assume a forma de política imperial.

Frente a essa situação, Wood (2003) acredita ser improvável, apesar de não ser impossível, uma nova grande guerra entre as potências capitalistas, isso porque, um conflito direto entre nações imperiais, levaria a destruição da competição capitalista, de mercados e de oportunidades de investimento. Nesse sentido, “A dominância imperial numa economia capitalista global exige um equilíbrio delicado e contraditório entre a supressão da concorrência e a manutenção, em economias concorrentes, das condições geradoras de mercados e lucros.” (WOOD,2003, p.118)

Para Wood (2003), o projeto de guerra sem fim norte americano nada mais é do que uma tentativa de manter o mundo sobre sua hegemonia, através de demonstrações periódicas de poder, já que, como pode ser vista na passagem abaixo, a autora acredita que o poder econômico norte americano está se deteriorando com o tempo, ainda que não forneça uma explicação para justificar tal movimento.

Certamente, a “única superpotência” não pode ter deixado de notar que, enquanto sua própria economia estava em declínio, outras partes do mundo, principalmente China, mantinham um crescimento sem precedentes na história. O surgimento da União Europeia como superpotência econômica também definiu um prêmio especial a supremacia militar como o único indicador confiável da hegemonia dos Estados Unidos. (WOOD,2003, p.118)

Nesse sentido, ela acredita que apenas o poder militar pode tanto recuperar, quanto manter essa liderança global por parte dos EUA. “O principal objetivo da política externa norte-americana é estabelecer hegemonia sobre um sistema global de Estados mais ou menos soberanos, e que a esmagadora superioridade militar está no núcleo desse projeto.” (WOOD,2003,p.121) .Contudo Fiori(2008) mesmo que corrobore com a visão de que exista de fato um projeto de demonstrações periódicas de poder, não acredita que exista uma perda ou declínio no poder econômico norte-americano, muito pelo contrário, para ele os EUA além

de ter a economia mais forte do mundo ainda se mantém como líder na capacidade de inovação.

Por fim, no plano das “longas durações” históricas, onde tudo se transforma de maneira mais lenta, as derrotas militares americanas e a expansão chinesa não significam necessariamente, uma crise final do poder americano. Pelo contrário, no nosso ponto de vista, elas fazem parte de uma grande transformação expansiva do sistema mundial, que começou na década de 1970 e se prolonga até hoje, associada, em grande medida, à expansão contínua e vitoriosa do próprio poder americano nesse período. (FIORI, 2008, p. 20)

Para Fiori (2008), essas demonstrações de poder se devem as zonas de influência, uma vez que os EUA é o único *player* global que disputa posições em cada uma das cinco regiões do globo. Ressaltando que mesmo que essas demonstrações sejam advindas de uma “nova corrida imperialista”, o desfecho dessas demonstrações não reside na perda de poder econômico e nem numa nova guerra. As demonstrações expressam apenas que os EUA querem continuar a influenciar o mundo em todas as esferas possíveis.

CONCLUSÃO

A proposta principal deste trabalho foi verificar se de fato o paradoxo do novo imperialismo proposto por Wood (2003) existe no pós-guerra fria. Para isso, foi necessário o auxílio de outros autores e de dados estatísticos. Após essas avaliações, concluiu-se que de fato o mesmo existe, nesse sentido o paradoxo do novo imperialismo ocorre pelo fato de o imperialismo norte americano ter chegado em uma fase onde a força econômica supera a força extra econômica, nesse sentido não haveria a necessidade de se continuar a investir no poderio militar, contudo ainda há esse investimento. Ao analisarmos os dados vimos que a participação norte-americana em termos reais continua alta no mercado global, sendo o segundo país com maior valor de exportações no mundo em 2017, ficando apenas atrás da China, respectivamente US\$1.546.273,00 e US\$2.263.346,00 em milhões de dólares, porém segundo a OMC a maior parte das exportações chinesas são para o mercado norte americano, sendo US\$476 Bilhões, mais que o dobro do segundo parceiro comercial, o Japão, US\$157 Bilhões.

Aliado a isso ele continua a ser o país com os maiores investimentos em armamento do mundo, chegando a gastar mais que dobro da China, segundo país que mais investe, em 2017, respectivamente US\$ 605.692,41 e US\$226.708,94 em milhões de dólares. Mostrando que mesmo com grande participação no mercado mundial os EUA ainda têm a necessidade de valer de seu poderio militar, mesmo sem a necessidade real do mesmo.

Ao fazermos uma análise dos dados encontrados podemos ver que em termos de reais a China toma a frente dos EUA no que diz respeito a valores de exportações a partir do ano de 2007. Porém ao realizar a leitura de outros autores, já citados anteriormente, pode-se perceber que mesmo com a entrada de novo *player* no jogo imperialista os EUA podem até perder parcelas de mercado, mas apenas olhar por esse lado não faz com que a leitura do novo imperialismo seja completa. Pois mesmo perdendo parcela de mercado para esses novos *players*, em sua grande maioria os mesmos se focaram em exportações, tendo um foco o próprio mercado norte americano. Aliado o fato de os EUA ser o emissor da moeda “mundial”, fazendo com que ele possa controlar os níveis de reserva mundial da mesma através de sua taxa de câmbio, algo que Wood (2003) em sua teorização não se preocupa em explicitar melhor.

Portanto, como um país que consegue tirar vantagem de ser o maior devedor líquido do mundo e ser o emissor da moeda corrente do mundo, pode estar perdendo seu posto de

potência econômica. Por não fazer essa avaliação, Wood (2003) não passar de forma concreta o motivo dos EUA aumentarem seus gastos militares na fase do novo imperialismo. Logo, pode-se concluir que de fato há um paradoxo, visto que um país com o poder econômico que os EUA têm na teoria do novo imperialismo não precisa do investimento bélico, já que ele consegue manter os demais países sobre sua esfera de domínio com o uso dos imperativos de mercado.

Em relação ao estado de guerra sem fim norte americano, pode-se verificar que esse estado representa demonstrações periódicas de poder por parte dos Estados Unidos. Já que os EUA é o único país no mundo que tenta manter sua esfera de poder em todos os cinco cantos do globo e lidera num mundo de múltiplos Estados, então o poder bélico se ressignifica, passa de um uso estrito para domínio de colônias e rotas de comércio para um uso no sentido de desestimular outros países a tentar desafiar sua liderança tanto econômica, quanto bélica.

Apesar disso, o EUA não realizou nenhuma demonstração de poder recentemente sobre alguma grande potência capitalista, devido justamente ao fato da necessidade dessas outras potências, seja tanto para mercado quanto para setor de investimento. Logo mesmo realizando essas demonstrações os EUA evitam o confronto direto com qualquer outra grande potência.

Como já exposto acima, pode-se confirmar que o desenvolvimento da indústria bélica não mantém nenhuma relação com a perda do cargo de líder mundial, já que os EUA consegue manter todos sob sua zona de influência usando os imperativos de mercado, logo uma possível explicação desse investimento em indústria bélica se relaciona ao fato dos EUA terem objetividade em suas demonstrações periódicas de poder, a exemplo do controle de poços de petróleo, que ainda hoje é a matriz energética do mundo. Outra possível explicação seria o crescente comércio global de armas, dando um caráter mais econômico ao setor bélico.

Com esses fatos, pode-se concluir que Wood (2003) ao expor suas ideias acerca do novo imperialismo, não perpassa por pontos os quais seriam importante para a construção de sua tese, como o uso das forças de mercado e do poder econômico por parte dos EUA, o que faz com que a mesma se torne um pouco vaga quanto a utilização e a necessidade de utilização do poder extra econômico por parte dos EUA. Com isso é necessário a utilização de outros autores para um melhor entendimento dessa nova dinâmica exposta pela autora.

Em suma após todas as análises conclui-se que os EUA é realmente a única potência da história a dominar os demais por poderes puramente econômicos, mas que eles se valem

das forças extra econômicas para desencorajar outros países a conseguirem espalhar seus imperativos econômicos pelo globo.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

BALANCO, P.; PINTO, E. C. **Dimensões do capitalismo contemporâneo: alguns aspectos do debate acerca do Estado-nação e do “novo imperialismo”**. In: Nacional de Economia (ANPEC), Natal, RN, 2005.

BORON, A. A. **A questão do Imperialismo**. In: A teoria marxista hoje. Problemas e perspectivas, 2007.

FIORI, José Luís. **O poder global dos Estados Unidos: formação, expansão e limites**. In: FIORI, José Luís (Org.). O poder americano. Petrópolis: Vozes, 2004.

FIORI, J. L. MEDEIROS, C. SERRANO, F. **O Mito do Colapso do Poder Americano**. In: RECORD, 2008

FRANCO, T. F. **AS DUAS ALMAS: As Análises Clássicas e as Peculiaridades das Discussões sobre o “Novo Imperialismo”**. In: Revista de Iniciação Científica da FFC, 2016.

GARCIA, A. S. **Hegemonia e Imperialismo: Caracterizações da Ordem Mundial Capitalista após a Segunda Guerra Mundial**. In: CONTEXTO INTERNACIONAL, vol. 32, no 1, janeiro/junho 2010, p. 155-177, 2010.

IANNI, O **Globalização e crise do Estado-Nação**. In: Periodicos Unesp <<https://periodicos.fclar.unesp.br/estudos/article/download/753/618>>

LEITE, L. M. **Imperialismo contra Ultraimperialismo: conexões teóricas e evidência empírica para o período de 1990 a 2010**. In: Revista Economia Ensaios, 2014.

LOPES, A. M. H. **“Descolonização e Racismo: atualidade e crítica” “Neocolonialismo na África”**. In: Dossiê – II Seminário Sankof, PR. Sankofa, Revista de História da África e de Estudos da Diáspora Africana, N°8, 2011.

MENDES, R. A. S. **AMÉRICA LATINA – INTERPRETAÇÕES DA ORIGEM DO IMPERIALISMO NORTE-AMERICANO**. In: 10-Artg- (Ricardo Mendes). p. 65, 2005.

RODRIGUES, C. H. L. APONTAMENTOS DO CAPITALISMO DEPENDENTE EM FLORESTAN FERNANDES. In: Marx e o Marxismo 2015: Insurreições, passado e presente, PR. NIEP MARX, 2015.

Significado de Imperialismo. Dicionário do Aurélio Online, 2019. Disponível em: <<https://dicionariodoaurelio.com/imperialismo>>. Acesso em: 14 de jul. de 2019.

WOOD, E. M. O IMPÉRIO DO CAPITAL. In: Boi tempo editorial 2014,2003